



UC/FPCE_2015

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**A experiência subjectiva da gravidez: O papel da
confiança interpessoal no par amoroso, da
generatividade e da rejeição parental percebida**

Beatriz Gaspar de Melo (e-mail: beatrizmelo@me.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, área de
especialização em Psicologia da Educação Desenvolvimento e
Aconselhamento, sob a orientação da Prof. Doutora Graciete Franco
Borges

A experiência subjectiva da gravidez: O papel da confiança interpessoal no par amoroso, da generatividade e da rejeição parental percebida

Resumo: Partindo das abordagens teóricas da Confiança Interpessoal, do Desenvolvimento Psicossocial ao longo do ciclo de vida de Erikson e da Aceitação-Rejeição Interpessoal (IPARTheory), procedeu-se à análise exploratória do papel da Confiança Interpessoal no par amoroso na experiência subjectiva da gravidez, face à associação previamente verificada entre esta e a Aceitação-Rejeição Parental percebida e a Generatividade em estudos prévios junto de casais durante o período de transição para a parentalidade.

Para realizar esta investigação foram utilizadas as versões portuguesas dos seguintes instrumentos: *Adult Specific Trust Scale* (Rotenberg et al., 2010), Escala de Generatividade (Franco-Borges & Vaz-Rebelo, 2007), Adult PARQ – *short form* (versão pai e mãe) (Rohner, 2004), Formulário de Dados Pessoais de Rohner (2008) e o Questionário da Gravidez (versão homem e mulher) (Santos & Oliveira, 2012).

A amostra foi recolhida no Centro de Saúde de S. Martinho do Bispo e na Extensão de Taveiro e em locais públicos, sendo composta por 100 casais (100 homens e 100 mulheres, n=200) com idades compreendidas entre os 24 e os 53 anos.

Os dados obtidos revelaram uma associação positiva entre a Confiança Interpessoal no par amoroso e a experiência subjectiva positiva da gravidez, assim como entre a Generatividade e a Confiança Interpessoal. Verificou-se uma associação positiva entre a Generatividade e a experiência subjectiva positiva da gravidez. Verificou-se uma associação negativa entre a Confiança Interpessoal no par amoroso e a Rejeição Parental percebida e esta associa-se à experiência subjectiva negativa da gravidez.

Estes resultados contribuem para a compreensão do papel da Confiança Interpessoal no par amoroso ao longo do processo de gravidez, enfatizando a sua pertinência no processo de transição para a parentalidade. Justificam-se, pois, acções dirigidas para o envolvimento dos pais no processo de gravidez, através de uma sensibilização para a inclusão de ambos os progenitores em todas as etapas do processo, atendendo a que a gravidez, mais do que um processo de transformações da mulher, constitui um processo de transição e readaptação desenvolvimental de ambos os progenitores.

Palavras-chave: Confiança Interpessoal, Generatividade, Parentalidade, Aceitação-Rejeição Parental, Experiência subjectiva da Gravidez.

Subjective experience of pregnancy: The role of interpersonal trust in the loving couple, generativity and parental rejection perceived

Abstract: Following the theoretical basis of Interpersonal Trust, Erikson's Theory of Psychosocial Development, and Interpersonal Acceptance-Rejection Theory (IPARTheory), an exploratory analysis was performed. This analysis focused on the role of interpersonal trust on the love partner, according to the previously described association between the perceived parental acceptance-rejection and generativity, observed in previous studies with couples during the transition to parenthood.

The resources used in this investigation were the Portuguese versions of the following tests: *Adult Specific Trust Scale* (Rotenberg et al., 2010), *Generativity Scale* (Franco-Borges & Vaz-Rebelo, 2007), *Adult PARQ – short form* (father and mother versions) (Rohner, 2004), *Rohner's Personal Data Form* (2008) and the *Pregnancy Questionnaire* (man and woman versions) (Santos & Oliveira, 2012).

The sample was collected at S. Martinho do Bispo's Primary Care Unit, Taveiro's extension and public places. The size of the sample was 100 couples (100 men and 100 women, n=200), with ages between 24 and 53 years.

The results showed that there is a positive association between interpersonal trust and positive subjective experience of pregnancy. There was also a positive correlation between interpersonal trust and generativity, and between generativity and positive subjective experience of pregnancy. There was a negative correlation between the interpersonal trust on the love partner and perceived parental rejection, and the perceived parental rejection was associated with negative subjective experience of pregnancy.

These results contribute to a more deep understanding of the role of interpersonal trust on the partner during the pregnancy process. Its pertinence is emphasized during the transition to parenthood, justifying actions addressed to the involvement of both parents in the pregnancy process, including both parents in all steps of the process, since pregnancy, more than a changing process of the woman, is a transition and readaptation process of both parents.

Key Words: Interpersonal Trust, Generativity, Parenthood, Parental acceptance-rejection, Subjective experience of pregnancy.

Agradecimentos

À Professora Graciete pelo apoio, compreensão e auxílio em todos os momentos.

Ao João Manuel, por ser tudo. Pelas conversas traduzidas, pelos sorrisos, pelos abraços e pelo melhor “Adoro-te” que se pode ouvir...por me ensinares tanto da vida.

À minha Mãe, pelas horas de apoio e companheirismo. Por acreditar sempre em mim.

Ao meu Pai, por ser Pai, Avô, Amigo e Companheiro de batalha.

Ao meu Irmão pelos ensinamentos e pelo exemplo. Por ser o melhor do Mundo.

Ao Tio João Pedro pelo apoio, pela preocupação e pelas conversas.

À Avó Isilda pelo carinho e preocupação, pelos lanches.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento Conceptual	3
1. A Confiança Interpessoal	3
2. Generatividade no Ciclo Vital	5
2.1. A Generatividade e a Parentalidade	7
2.2. A Gravidez e a Generatividade	10
3. A Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal – IPARTheory	11
3.1. Aceitação-Rejeição Parental percebida, Generatividade e Confiança Interpessoal	14
II – Objectivos	14
III – Metodologia	15
1. Descrição da Amostra	15
2. Instrumentos	16
3. Procedimento	19
IV – Resultados	20
1. Consistência Interna das escalas	20
1.1. <i>Adult Specific Trust Scale</i>	20
1.2. Escala de Generatividade (EG)	20
1.3. <i>Adult PARQ</i> , versão <i>father</i> (<i>Adult PARQ-F</i>)	20
1.4. <i>Adult PARQ</i> , versão <i>mother</i> (<i>Adult PARQ-M</i>)	20
2. Dados descritivos	21
2.1. <i>Adult Specific Trust Scale</i>	21
2.2. Escala de Generatividade (EG)	21
2.3. <i>Adult PARQ-F</i> e <i>Adult PARQ-M</i>	22
2.4. Questionário sobre a gravidez, versão <i>homem e mulher</i> (QG-H/QG-M)	23
3. Relação entre as variáveis: Teste das hipóteses	30
3.1. A Confiança Interpessoal no Par Amoroso	30
3.2. A Generatividade	32
3.3. Rejeição Parental	34
V – Discussão	37
VI – Conclusões	39
Bibliografia	39
Anexos	

Introdução

A gravidez constitui um momento de transição que exige ao casal uma adaptação árdua, marcado por um conjunto de tarefas desenvolvimentais decorrentes do ajustamento às transformações corporais da mulher, das expectativas de ambos sobre os novos papéis em torno do bebé e da reestruturação da rede de relações familiares e sociais (Bradt, 1995). Maldonado (1976, p. 16) considera que (...) *é necessário pensar não apenas em termos da “mulher grávida” mas sim da “família grávida”*(...). Assim, aquele período é simultaneamente um momento propício à reformulação dos valores vitais por parte da mulher e à criação de tensões no interior dos relacionamentos interpessoais mais próximos.

Segundo Erikson (1982), a *confiança básica* no outro e no mundo desenvolver-se-ia durante os primeiros meses de vida do bebé, em função da correspondência que se estabeleça entre as suas necessidades e as respostas dos seus cuidadores, influenciando o funcionamento psicossocial do sujeito ao longo do ciclo de vida. Por sua vez, o nível de Generatividade refere-se ao interesse e envolvimento no cuidado e orientação das gerações mais novas (Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2007). Esta predisposição para o “cuidado e orientação do outro” durante a idade adulta dependeria, em grande parte, da percepção pessoal do nível de fiabilidade do mundo e dos outros, sendo construído paulatinamente a partir das respostas às suas necessidades. Deste modo, o nível de confiança nos outros significativos teria um papel primordial ao longo de todo o ciclo de vida, constituindo uma matriz dos relacionamentos interpessoais, designadamente os do casal à espera de um filho.

Sendo a Generatividade o principal desafio da idade adulta segundo Erikson, a parentalidade teria um papel fundamental na promoção do desenvolvimento da Generatividade (Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2007). A partir de um estudo longitudinal, Zacarés, Pérez-Brotons, Pérez-Blasco & Serra (2004) concluem que a experiência da parentalidade tem um papel pertinente na promoção do interesse generativo, sobretudo entre os homens.

Féres-Carneiro & Magalhães (2005) defendem que as memórias de infância dos cuidados parentais se encontram fortemente relacionadas com a motivação para a parentalidade, pelo que a conjugalidade não só reedita o romance familiar, como propicia a elaboração das vivências infantis. Deste modo, a *Interpersonal Acceptance-Rejection Theory* (IPARTheory) defende que no seio das múltiplas relações interpessoais, a aceitação parental assume um papel central no desenvolvimento psicossocial da criança, e futuro adulto, através da integração das experiências positivas e negativas passadas e influenciando a assumpção do seu papel de mãe/pai.

Estudos prévios com adultos revelaram uma relação moderada entre a Aceitação-Rejeição Parental e a Confiança Interpessoal no par amoroso (Santos, 2014). Para além disso, Oliveira (2012) e Santos (2012), nos seus estudos com mulheres grávidas e respectivos pares amorosos, verificaram uma associação positiva entre os níveis de Generatividade e de envolvimento

positivo na gravidez por parte das mulheres, para além dos níveis de envolvimento positivo na gravidez e de Generatividade se terem revelado preditores mútuos.

Apesar de existirem múltiplos estudos nesta área, verifica-se ainda alguma escassez no que diz respeito à “família grávida”. Deste modo, o objectivo deste estudo foi analisar o papel de algumas variáveis psicológicas no bem-estar do casal à espera de um filho, atendendo à pertinência do relacionamento no interior da díade durante o período de gravidez. As referidas variáveis foram a Confiança Interpessoal no par amoroso, a experiência subjectiva da gravidez, a Generatividade e a Aceitação-Rejeição Parental *percebida* durante a infância.

O presente trabalho está estruturado em seis capítulos. O primeiro diz respeito ao enquadramento conceptual das variáveis-alvo do presente estudo, o segundo enuncia os objectivos e as hipóteses, o terceiro descreve a metodologia utilizada - caracterização da amostra, descrição dos instrumentos e dos procedimentos. O quarto capítulo é dedicado à análise dos dados, que são posteriormente discutidos no capítulo cinco. Por fim, o capítulo seis diz respeito às principais conclusões e à reflexão global sobre algumas implicações teórico-práticas decorrentes dos dados obtidos.

I – Enquadramento conceptual

1. A Confiança Interpessoal

As primeiras abordagens teóricas do constructo de *confiança* remontam aos primórdios da psicologia contemporânea, que começou por considerá-la emergente das relações interpessoais ao longo do tempo (Borum, 2010). Segundo este autor, a confiança traduzir-se-ia numa aceitação da vulnerabilidade pessoal assente nas expectativas de confiança no comportamento de outrém. Em termos práticos, a confiança seria expressa através de uma decisão pessoal. Ou seja, o sujeito decidiria, de forma intuitiva ou após alguma ponderação consciente, se deveria ou não confiar numa determinada pessoa (op. cit.).

Segundo a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento Humano de Erikson, o desenvolvimento pessoal ao longo do ciclo vital é caracterizado através de estádios, cuja sucessão seria mediada por crises ou conflitos (Rabello & Passos, s.d.). No primeiro estádio, *Confiança vs Desconfiança*, o mesmo autor considera que quando o bebé vivencia positivamente as descobertas desta etapa, construiria a *Confiança Básica* através da qual sentiria que existe uma correspondência entre as suas necessidades e as respostas do mundo (Miller, 1989). Assim, Erikson (1963, cit. in Rotenberg, 2010, p. 8) defende que a Confiança afecta o funcionamento psicossocial durante o ciclo de vida. No entanto, segundo Rabello & Passos (s.d., p. 3) (...) *o que construímos na infância não é totalmente fixo e pode ser parcialmente modificado por experiências posteriores (...)*.

Segundo Rotter (1967, cit. in Cardoso, 2012) e Rotenberg (2010), a confiança teria um papel fulcral na aprendizagem e no funcionamento humano em geral, sendo reforçada ou diminuída através de experiências, interações em contextos de relacionamento interpessoal (Burke, Sims, Lazarra & Salas, 2007, cit. in Cardoso, 2012, p.1) e influenciando as modalidades de interacção (op. cit.).

Segundo Frost, Simpson & Maughan (1978, cit. in Cardoso, 2012, p. 4), a confiança enquanto traço individual poderá ser entendida como uma dimensão referente ao grau de vulnerabilidade pessoal assumido perante os outros. Verifica-se uma consonância entre a maior parte dos investigadores relativamente aos antecedentes motivacionais da Confiança Interpessoal, designadamente os processos cognitivo-deliberativos e afetivo-emocionais (Borum, 2010).

A Confiança Interpessoal começou a ser operacionalizada a partir da década de 60, tendo por base as expectativas pessoais acerca da probabilidade de uma pessoa/grupo cumprir uma promessa verbal ou escrita (Rotter, 1967, cit. in Santos & Terres, 2010, p. 429). Deste modo, foram conceptualizadas várias escalas com o intuito de avaliar a Confiança Interpessoal, tais como as escalas de *Avaliação da Confiança Interpessoal* (Rotter, 1967, cit. in Santos, Terres & Gonçalves, 2010, p. 4), *Confiança em*

relacionamentos próximos/intimos (Larzelere & Huston, 1980, cit. in op. cit.) e *Confiança Interpessoal numa pessoa específica* (Johnson-George & Swap, 1982, cit. in op. cit., p. 4).

Para Rotenberg (2010), a sobrevivência da sociedade dependeria do estabelecimento e manutenção de níveis básicos de Confiança Interpessoal. Na mesma linha de pensamento, Johnson-George & Swap (1982, cit. in Santos & Terres, 2010, p. 435) consideram que a confiança constitui a base/fundamento de qualquer entidade social que suponha cooperação e interdependência, sendo construída através da interação interpessoal. Deste modo, qualquer relacionamento interpessoal abarcaria um histórico e um futuro (op. cit.). Ou seja, a confiança seria alicerçada na personalidade e/ou atitudes do outro ao longo do histórico de confidências prévias partilhadas, e subsequentes atitudes do outro, e no “clima” atual do relacionamento (Johnson-George & Swap, 1982, cit. in Santos & Terres, 2010, p. 435).

Assim, a confiança depende da identidade do interlocutor, designadamente do nível de intimidade e de afectuosidade partilhadas (Johnson-George & Swap, 1982 cit. in Santos & Terres, 2010, p. 435). A confiança pressupõe reciprocidade/mutualidade comportamental, segundo um processo interactivo continuamente renovado e renovador do nível da Confiança Interpessoal. Considerando o exemplo de uma díade, o nível de confiança do sujeito A no sujeito B interage com o nível de confiança deste no primeiro (Larzelere & Huston, 1980, Lindsfold, 1978, Rotenberg & Pillipenko, 1984, cit. in. Rotenberg, 1994, p. 154).

Rotenberg e colaboradores (1984, cit. in Cardoso, 2012, p. 7) reiteram o papel da interacção pessoal no processo de estabelecimento e manutenção da Confiança Interpessoal, considerando que esta constitui uma decisão situacionalmente determinada e influenciada por pistas sociais imediatas, e propõem um modelo conceptual a partir de três bases da Confiança Interpessoal: (1) *fidelidade*, decorrente do nível de cumprimento da palavra ou da promessa do outro; (2) *confiança emocional*, decorrente da crença de que o outro se inibirá de causar danos, que demonstrará disponibilidade para escutar e manterá sigilo das revelações, evitando actos passíveis de causar constrangimentos; (3) *honestidade*, que se refere à crença de que o outro dirá a verdade e adoptará comportamentos correctos e genuínos, em detrimento de intenções maliciosas e manipuladoras. As 3 bases da Confiança Interpessoal são ainda diferenciadas em função de dois domínios: (1) *cognitivo/afectivo*, relativo às crenças/atribuições individuais das 3 bases supracitadas (e.g., crença de que os outros vão cumprir a sua promessa) e às experiências emocionais que acompanham essas crenças/atribuições; (2) o domínio *comportamental*, respeitante à tendência para agir em função do comportamento do outro (Rotenberg, 1994). Por sua vez, tanto as bases como os domínios da Confiança Interpessoal são diferenciados em função das dimensões do alvo de confiança, ou seja, das qualidades que geram confiança e/ou desconfiança do sujeito-alvo: a) a *especificidade*, podendo variar entre a confiança geral e a confiança num aspecto específico do alvo; b) a *familiaridade*, que diz respeito ao grau de proximidade com o sujeito-alvo, desde não familiar - indivíduos com quem não se está familiarizado - a

familiar íntimo (Rotenberg, 1994).

A Confiança Interpessoal é considerada uma faceta importante do funcionamento humano estreitamente associada à saúde física, ao funcionamento cognitivo e social e ao desenvolvimento e manutenção de relações próximas (Rotenberg, 2010). Este autor defende ainda que a Confiança Interpessoal tem um papel preponderante ao longo da infância e da adolescência, que acabará por afectar os sujeitos direta e indiretamente na idade adulta.

Segundo os estudos de Santos (2014), com 302 sujeitos com idades a partir dos 18 anos, a Confiança Interpessoal no par amoroso revelou uma associação com a percepção de Aceitação-Rejeição Parental do sujeito, pelo que se verifica que as relações familiares têm influência no estabelecimento da Confiança Interpessoal nas relações amorosas. No mesmo estudo observou-se, também, que a Aceitação Paterna influencia ligeiramente a Confiança Interpessoal masculina depositada no par amoroso (op. cit.)

Deste modo, é possível concluir que a Confiança Interpessoal contribui fortemente para a eficácia, ajustamento e sobrevivência dos vários grupos sociais (Rotter, 1971, cit. in Cardoso, 2012, p. 3) sendo, por isso, uma variável primordial da qualidade das relações de interdependência, como a que se estabelece no seio do casal de futuros pais.

2. Generatividade no ciclo vital

Atualmente tem-se verificado um aumento do interesse no estudo da idade adulta pela Psicologia do Desenvolvimento (Santos, 2012), tendo (...) vindo a impor-se como uma fase de grande interesse e relevância (...) (Rebello & Borges, 2009, p. 98).

Segundo o modelo do desenvolvimento humano de Erikson (1923, cit. in Rebello & Borges, 2009, p. 98), a *Generatividade* é um dos polos que representam o sétimo estágio do desenvolvimento, contrastando com a *Estagnação*. Deste modo, a Generatividade constitui o principal desafio da idade adulta (Oliveira, 2012), embora decorra das aquisições/processos ocorridos ao longo das etapas de desenvolvimento anteriores (Erikson, 1982). Assim, a confiança construída ao longo dos primeiros anos de vida seria imprescindível para o desenvolvimento posterior da Generatividade, uma vez que o apoio e o cuidado do indivíduo para com os outros pressupõe que as suas necessidades tenham sido adequadamente satisfeitas nos primeiros anos de vida (Oliveira, 2012). Este conceito (...) remete para o interesse e envolvimento no cuidado e na orientação das gerações mais novas (...) (Rebello & Borges, 2009, p. 98). Pelo contrário, os adultos que não se mostrem capazes de enfrentar os desafios da Generatividade experimentaram aquilo a que Erikson chamou de *Estagnação*; ou seja, sentem que não conseguem gerar bons produtos e resultados, sentindo uma incapacidade em deixar uma marca positiva no mundo (Oliveira, 2012).

Segundo o modelo de McAdams & de St. Aubin (1992, cit. in Oliveira, 2012, p. 3), a Generatividade constitui um conceito complexo, multifacetado e multidimensional, cuja fonte motivacional primária

decorreria da exigência cultural (expectativas da sociedade relativamente à preocupação e cuidado das novas gerações) e do desejo interno (necessidade básica) *de se sentir necessário* aos outros e do desejo de *imortalidade simbólica*. Assim, a Generatividade decorreria da necessidade biológica de sobrevivência e de manutenção da espécie, assim como da motivação psicossocial para a transmissão intergeracional de conhecimentos/experiências, de forma a contribuir para o desenvolvimento da sociedade e das gerações mais novas (McAdams & St. Aubin, 1992, cit. in Vaz-Rebelo & Franco-Borges, 2009, p. 99).

A operacionalização do conceito de Generatividade foi desenvolvida nos estudos de Bradley & Marcia (1998, cit. in Vaz-Rebelo & Franco-Borges, 2009, p. 100), que se fundamentaram no modelo dos estatutos da identidade desenvolvido por Marcia (1980, cit. in op. cit.). Deste modo, os estatutos da Generatividade baseiam-se numa lógica de “cuidado” *versus* “rejeição”, sendo analisados em função de critérios relativos ao “envolvimento” - que remete para a preocupação do sujeito para com os outros e ao grau em que se manifesta na partilha de competências, conhecimentos e no envolvimento pró-social - e à “inclusividade” - que remete para o alvo da prestação de cuidados (Taylor, 2006; Vaz-Rebelo & Franco-Borges, 2009).

Num estudo de Ryff & Heincke (1983, cit. in Urieen & Kilbourne, 2011) foi testado o nível de Generatividade em três amostras de diferentes faixas etárias (90 jovens adultos, 90 adultos de meia-idade e 90 idosos), verificando-se o maior índice de Generatividade no grupo de jovens adultos. Por sua vez, McAdams, de St. Aubin & Logan (1993, cit. in Oliveira, 2012, p. 4) investigaram a expressão da Generatividade ao longo da vida, tendo verificado um aumento dos compromissos generativos e da narrativa generativa entre a juventude e a meia-idade, e não tendo registado indícios claros de um decréscimo posterior.

Segundo Costa (2001), o desenvolvimento da Generatividade iniciaria-se logo na infância, seguindo o seu curso ao longo do ciclo de vida. Assim, este é um constructo coerente e significativo antes da adultez plena que decorre, em parte, do estilo parental (Lawfor e colaboradores, 2005, cit. in Oliveira, 2012, p. 4). Para Oliveira (2012), as influências parentais experienciadas ao longo da vida podem ter impacto tanto na Generatividade como no bem-estar psicológico do adulto.

Foram realizados estudos com estudantes universitários portugueses sem filhos, com o intuito de analisar a relação entre o índice de Generatividade e a motivação para o projeto futuro de vir a ser pai/mãe (Franco-Borges & Vaz-Rebelo, 2007; Vaz-Rebelo & Franco-Borges, 2009; Franco-Borges, Vaz-Rebelo & Kourkoutas, 2010, cit. in Oliveira, 2012, p. 5). Os resultados corroboraram alguns dados prévios de McAdams & de St. Aubin (1992) com a mesma população-alvo, designadamente a variação do nível de Generatividade em função do sexo (mais elevado entre os sujeitos do sexo feminino). Além disso, verificou-se uma relação significativa entre o nível de Generatividade e o desejo de vir a ter filhos no futuro, e a valorização pessoal do papel parental futuro revelou-se superior à

valorização atribuída aos papéis profissional e conjugal futuros (Oliveira, 2012).

Um estudo longitudinal de Peterson (2006, cit. in Santos, 2012, p. 5) com jovens adultos concluiu que o nível de Generatividade dos pais se correlacionava positivamente com o afeto positivo, as perspectivas futuras positivas e com as características de personalidade pró-social dos filhos. Deste modo, a Generatividade parental revelou estar associada ao bem-estar intergeracional, atendendo a que o facto de os filhos estarem bem adaptados e felizes com a vida estabeleceria uma fonte de satisfação para os pais generativos, referindo sentimentos de maior proximidade e união com os seus filhos (Santos, 2012). Segundo Franco-Borges & Vaz-Rebelo (2007), a parentalidade pode ser considerada como uma expressão privilegiada da Generatividade, uma vez que assume um papel central na promoção do desenvolvimento da Generatividade.

2.1.A Generatividade e a Parentalidade

Gottman & Notarius (2002, cit. in Menezes & Lopes, 2007, p. 83) consideram que existe um conhecimento intuitivo de que os casais se relacionam de forma diferente consoante a fase vivida. Nesta perspectiva, a transição para a Parentalidade constituiria uma das maiores mudanças exigida ao sistema familiar, atendendo à expectativa da assunção de um dos papéis sociais mais exigentes e desafiadores que os sujeitos encontram ao longo da vida. Durante este longo processo, o casal é interpelado a aceitar um novo membro no sistema e ajustá-lo, criando espaço para o filho e para os papéis de pai e mãe (Bradt, 1995). Segundo uma perspectiva centrada sobretudo nas tarefas instrumentais em prol do novo ser, Hoghughi (2004) define a parentalidade como um conjunto de atividades intencionais que visam garantir a sobrevivência e o desenvolvimento da criança e Cruz (2005, cit. in Brás, 2008, p. 1) como o *conjunto de acções encetadas pelas figuras parentais (...) junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade.*

De acordo com Carter & McGoldrick (1995, cit. in Oliveira, 2012, p. 9), a família constitui um sistema que se move através do tempo e que compreende novos elementos a partir do nascimento, do casamento ou até mesmo da adopção. Assim, a família apresentaria uma coerência emocional contínua (Scabini & Cigoli, 2006; Gambini, 2007, cit. in Oliveira, 2012, p. 1), não sendo um sistema que se perpetua com um relacionamento a dois (Oliveira, 2012). Minuchin (1982, cit. in op. cit.) alerta para o facto de a família ser um sistema aberto em constante mutação e no qual as acções de cada membro são orientadas pelas características intrínsecas ao próprio sistema familiar, podendo sofrer alterações mediante as necessidades externas.

Deste modo, a construção de uma família remete para uma questão motivacional: Quais os antecedentes do desejo da parentalidade? Para Winnicot (1966, cit. in Oliveira 2012, p. 2), a tarefa de se tornar pai e mãe

advém de uma motivação/desejo, através do qual a criança surge, em primeiro lugar, como um projeto/fantasia de cada um dos membros do casal e, posteriormente, como um projeto do casal procriar. Este desejo de parentalidade desenvolver-se-ia pois, desde a infância, através do jogo do “faz-de-conta”, em que a criança se vai identificando com as figuras parentais (Oliveira, 2012). O desejo de ter um filho reatualiza as fantasias da infância de cada elemento do casal, bem como a percepção da qualidade do cuidado parental de que foram alvo (Zornig, 2010). Assim, as percepções de cada membro do casal acerca da sua infância influenciam e determinam a forma como cada um irá encarar e experimentar a parentalidade (op. cit.).

Segundo Zornig (2010), a *parentalidade* remete para os processos psíquicos e as mudanças subjetivas de cada um dos futuros pais a partir do desejo de ter um filho. Deste modo, o projeto parental é constituído por três eixos: (1) o *exercício da parentalidade*, que define e organiza laços de parentesco e a transmissão de regras e valores de um determinado grupo social; (2) a *experiência da parentalidade*, que compreende a experiência subjectiva das funções parentais, englobando todas as modificações que ocorrem nos pais ao longo do processo de transição para a parentalidade; (3) a *prática da parentalidade*, que engloba os cuidados físicos, psicológicos e as tarefas quotidianas que os pais executam junto dos filhos (Houzel, 2004 cit. in Krueel & Lopes, 2012, p. 35). Deste modo, “ser pai/mãe” é uma das tarefas desenvolvimentais mais significativas da idade adulta (Canavarró, 2001), cujo processo é interdependente da qualidade das relações familiares e coextensivo ao ciclo de vida (Hoghugh, 2004).

Sob o ponto de vista biológico, o nascimento do bebé constituiria o evento identificador do início do novo papel parental, mas se se atender às alterações psicológicas e interpessoais que antecedem o nascimento de um filho, cujo conteúdo remonta ao passado vivido, aquele papel inicia-se mais cedo, através de alterações na gestão e coodenação da rede dos relacionamentos mais próximos - trabalho, amigos, familiares e pais (Carter & McGoldrick, 1995).

Segundo Gutton (2006, p.9), a *parentalidade* abarcaria (...) o conjunto de processos mentais conscientes e inconscientes (...) envolvidos nas experiências subjacentes à parentalidade. Os processos conscientes relacionam-se com todo o processo que antecede e acompanha a gravidez, o nascimento e desenvolvimento da criança, enquanto os processos inconscientes dizem respeito às mudanças psicológicas que ocorrem nos pais e que ajudarão na retificação da sua infância (Brazelton, 2003, cit. in Oliveira, 2012, p. 13). Esta retificação decorre do reviver do passado vivido e do tipo de cuidado parental recebido/percepcionado (Oliveira, 2012).

Segundo os estudos de Rabin & Greene (1968, cit. in Pires, 2010, p. 57), verificou-se uma forte relação entre as memórias de aceitação parental e a motivação para a parentalidade, em ambos os sexos. Por sua vez, nos estudos de Gerson (1986) observou-se que a autoestima e as memórias de felicidade durante a infância estão positivamente correlacionadas com o grau de motivação para se ser pai ou mãe. No entanto, (...) a qualidade das relações que as mães estabelecem com os filhos têm algum poder preditivo

em termos do seu desenvolvimento, embora não sejam o seu único determinante (Canavarro, 1999, cit. in Canavarro, 2001, p. 26).

Para Cowan e colaboradores (1985, cit. in Moura-Ramos & Canavarro, 2007, p. 400), os homens e as mulheres iniciam a sua transição para a parentalidade como entes separados e distintos, com percursos individuais diferenciados, tentando alcançar o mesmo objectivo – a formação de uma família. Os mesmos autores realizaram um estudo que visava a compreensão das mudanças que ocorriam em 5 domínios durante esta etapa: 1) sentido de identidade individual; 2) relação conjugal; 3) relação parental; 4) percepção da família de origem e 5) *stress* e suporte social (op. cit.). Verificou-se, então, que as mudanças que ocorriam no pai eram menos acentuadas do que na mãe, na maioria dos domínios.

Deste modo, se os contextos forem favoráveis ao exercício da parentalidade, a função parental desenvolverá a Generatividade, promovendo sentimentos de bem-estar pessoal junto dos pais e da geração futura (Santos, 2012).

Para além destes factores, a história de cada um, o modelo parental que vivenciaram, o que foi ou não transmitido, os fantasmas do passado, os traumas infantis e a forma como cada um os cicatrizou e elaborou exercerão também uma influência ao longo deste processo (Oliveira, 2012).

Segundo o Modelo Sociocontextual da Parentalidade revisto por Belsky & Jafee (2006, cit. in Barroso & Machado, 2010, p. 218), presume-se que a parentalidade seja influenciada directamente por 3 determinantes: 1) *factores individuais dos pais*; 2) *características individuais da criança*; 3) *factores do contexto social onde a relação pais-criança se estabelece*. Por sua vez, o Modelo de Belsky (1984; Belsky & Jafee, 2006, cit. in Barroso & Machado, 2010, p. 218) refere que alguns factores da personalidade dos pais vão facilitar a parentalidade. Com efeito, os estudos à luz dos modelos de cognição social revelam que a personalidade influencia a parentalidade a partir das atribuições. Ou seja, as experiências desenvolvimentais têm um papel preponderante neste modelo, evidenciando-se as experiências que os sujeitos vivenciam durante a sua infância e que influenciam os seus comportamentos enquanto pais, bem como os seus traços de personalidade e o seu bem-estar psicológico (Barroso & Machado, 2010).

Segundo Vaz-Rebelo & Franco-Borges (2009), num estudo realizado junto de estudantes universitários sem filhos visando analisar a relação entre a Generatividade e a motivação para a parentalidade, o nível de Generatividade revelou-se estatística e significativamente associado ao desejo de vir a ter filhos, e mais elevado entre as mulheres. Assim, concluiu-se que a média do índice de Generatividade variava significativamente em função do projecto de parentalidade. Por seu lado, Knoester e colaboradores (2007, cit. in Santos, 2012, p. 4) referem que os pais se tornam mais generativos aquando do nascimento de um filho, ao desempenhar o seu papel parental, verificando-se mudanças positivas no seu bem-estar, na valorização pessoal e na percepção de reconhecimento social. Na mesma linha de pensamento, Zacarés, Pérez-Brotos, Pérez-Blasco & Serra (2004), a partir de um estudo longitudinal, concluem que a experiência da parentalidade tem

um papel importante na promoção do interesse generativo, sobretudo entre os homens.

2.2. A gravidez e a Generatividade

A gravidez constitui um período fundamental da parentalidade por implicar um conjunto de mudanças com implicações no quotidiano interpessoal. Durante este período, os pais têm por norma uma maior consciência do seu projeto de vida em comum, das diversas influências dos contextos de vida de cada um e da sua relação (Oliveira, 2012). Deste modo, a ocorrência de mudanças biológicas, psicológicas e sociais ao longo da gravidez irão influenciar tanto a dinâmica psicológica individual como as relações interpessoais da gestante (Piccinini, Gomes, Nardi & Lopes, 2008).

Para a mulher, a relação estabelecida com a própria mãe (que é, para a maioria das mulheres, o primeiro e principal modelo de comportamentos e afectos maternos) tem um grande peso na formação de significados em torno da gravidez e da maternidade (Canavarro, 2001). Segundo a autora referida, é necessário que a mulher consiga integrar as experiências positivas e negativas que teve enquanto filha para que se sinta confortável com a sua identidade e com o seu papel materno.

Além disso, o pai tem também um papel preponderante durante este período, surgindo como principal fonte de apoio para a mulher e para o bebé (Oliveira, 2012). Segundo um estudo realizado por Peck, em 1997, os homens tendem a reagir positivamente ao acréscimo das necessidades afetivas das suas companheiras durante o período de gestação (cf. Oliveira, 2012). Krob (1999, cit. in Oliveira, 2012) também constatou que a maioria dos homens revelaram sensibilidade para entender as alterações emocionais das esposas ao longo da gravidez, tentando ajustar os comportamentos que tinham; os pais vinculados emocionalmente à gestação seriam mais propensos a reagir adequadamente às necessidades de suporte e compreensão das futuras mães, salientando-se, noutros estudos, o apoio emocional e material à gestante, a demonstração de maior disponibilidade, paciência e condescendência durante a gravidez (Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2005, cit. in Oliveira, 2012, p. 21).

Deste modo, é através da identificação com a gravidez da mulher que o homem partilha com a mesma “sintomas” e, em retribuição, a gestante inclui o pai nas suas representações do bebé, proporcionando um espaço de cuidados paternos (Stern, 1997; Zornig, 2010, cit. in Oliveira, 2012, p. 22).

Com efeito, a gravidez constitui um momento de transição que exige ao casal uma adaptação árdua através da mobilização de um conjunto de tarefas desenvolvimentais (Conde & Figueiredo, 2007), tais como o ajustamento às transformações corporais, às expectativas dos novos papéis que se geram em torno do bebé e à reestruturação da rede de relações familiares e sociais (Bradt, 1995; Conde & Figueiredo, 2007, cit. in Oliveira, 2012, p.3). Segundo Knoester, Petts & Eggebeen (2007, cit. in Santos, 2012, p. 4), o nascimento de um filho acarreta uma reavaliação dos valores, das prioridades e das responsabilidades pessoais. Deste modo, é relevante ter em

consideração que tornar-se pai e mãe é um processo exigente, atendendo à confluência de diferentes processos, desde a identificação com o modelo dos pais durante a infância, às pressões das expectativas socioculturais. A referência ao processo de filiação anterior ao nascimento do bebé implica que a parentalidade tem início a partir da transmissão consciente e inconsciente da história infantil dos próprios pais, com os seus conflitos, e a partir da reavaliação do relacionamento com os seus próprios pais (Oliveira, 2012). Assim, a retificação da história pessoal da infância, atendendo às memórias da infância vivida com os próprios pais, reflectir-se-á no relacionamento que os futuros pais vão experienciar com os seus filhos (Oliveira, 2012).

A transição para a parentalidade implica o desenvolvimento da Generatividade por parte do casal, constituindo, segundo Scabini & Iafrate (2003), o principal veículo de optimização da função parental. Para as mesmas autoras, este período de transição favoreceria o estabelecimento de um pacto de confiança no interior do casal que, por sua vez, ativaria os recursos pessoais e relacionais e consolidaria a identidade do casal. No entanto, pode verificar-se um processo inverso, o que não permitirá o crescimento do casal (op. cit.).

Deste modo, é importante para o casal reconhecer o/a cônjuge/parceiro(a) como pai ou mãe, apoiando-o(a) e legitimando-o(a) (Scabini & Iafrate, 2003; Scabini & Cigoli, 2006 cit. in Oliveira, 2012, p. 18).

Num estudo realizado por Oliveira (2012) com mulheres grávidas e respectivos pares amorosos, verificou-se uma associação positiva entre o nível de Generatividade e o envolvimento positivo na gravidez por parte das mulheres e que os níveis de envolvimento positivo na gravidez e de Generatividade eram mutuamente preditores um do outro. No mesmo sentido, Santos (2012) observou na mesma população que o nível médio de Generatividade era mais elevado entre as mulheres que expressavam um envolvimento positivo ao longo da gravidez.

3. A Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal – IPARTheory

A Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal – *Interpersonal Acceptance-Rejection Theory* – IPARTheory (Rohner, 2014) - decorre da verificação empírica de que a aceitação/rejeição interpessoal percebida constitui uma variável pertinente do ajustamento psicológico e do bem-estar ao longo do ciclo de vida, pautando-se por uma abordagem desenvolvimental e ecológica dos processos de socialização e de desenvolvimento pessoal (op. cit.). Esta teoria em torno do papel da aceitação/rejeição interpessoal percebida constitui uma extensão da Teoria da Aceitação-Rejeição Parental – PARTheory - que começou por pesquisar o papel da Aceitação-Rejeição Parental percebida ao longo do ciclo de vida (Rohner & Carrasco, 2014). Atendendo à verificação do papel significativo da Aceitação-Rejeição Parental no desenvolvimento pessoal ao longo do ciclo de vida (Rohner, 2014), Rohner e colaboradores (Rohner & Carrasco,

2014) alargaram o espectro do estudo da aceitação/rejeição percebida a outros relacionamentos interpessoais significativos, o que justifica a alteração da denominação e acrónimo do modelo teórico subjacente para IPARTheory, por se ter passado a considerar todos os tipos de relacionamento interpessoal íntimo ou próximo, incluindo o relacionamento entre pais e filhos. Esta alteração na denominação da teoria proposta por Rohner e colaboradores corresponde, pois, ao alargamento do espectro de relacionamentos que têm vindo a ser estudados em torno da aceitação/rejeição percebida. Com efeito, os dados da investigação têm vindo a demonstrar a relevância da aceitação/rejeição interpessoal no desenvolvimento dos sujeitos de diferentes culturas e de diferentes faixas etárias (Rohner & Khaleque, 2008). Deste modo, a IPARTheory procura explicar o papel da aceitação/rejeição interpessoal percebida em função de uma figura significativa, isto é, alguém com quem se tenha estabelecido um vínculo socioafectivo ao longo do ciclo de vida (Rohner & Carrasco, 2014).

A pesquisa realizada em torno da Aceitação-Rejeição Parental percebida tem vindo a comprovar que o conteúdo desta percepção tem um papel fulcral no desenvolvimento psicológico e social do sujeito (Rohner & Khaleque, 2008 cit. in Santos, 2012, p. 5). Segundo estes mesmos autores, desde o nascimento que o sujeito carece de respostas positivas conducentes à percepção de se ser aceite pelo pai/mãe ou por outros cuidadores significativos. Deste modo, a Aceitação-Rejeição Parental percebida constituiria uma fonte universalmente influente do percurso de desenvolvimento ao longo da vida, por constituir um antecedente significativo do processo de desenvolvimento pessoal e interpessoal, com implicações ao nível do ajustamento psicológico e comportamental do adulto.

O interesse pelo estudo da Aceitação-Rejeição Parental percebida surgiu nos finais do séc. XIX (Rohner & Khaleque, 2008 cit. in Oliveira, 2012, p.7). Segundo Cardinali & Guidi (1982, cit. in Oliveira, 2012, pg. 25), *(...) a aceitação ou a rejeição do bebé está estreitamente ligada ao grau de aceitação que cada um soube construir desde as suas memórias de infância, e elementos imprevisíveis e inesperados, seus e do parceiro (...)*.

Rohner & Khaleque (2008, cit. in Oliveira, 2012, p. 8) verificaram uma forte relação entre a Aceitação-Rejeição Parental percebida e formas específicas de desajustamento psicológico em crianças e adultos, independentemente do género, raça, língua e cultura. Verificou-se, no entanto, que existe uma tendência para uma diminuição desta associação em idades mais avançadas, comparativamente a crianças e jovens muito dependentes dos pais (Oliveira, 2012). Em todo o caso, estes dados não contrariam os fundamentos da Partheory, designadamente os que postulam que, na ausência de uma resposta parental positiva, ou perante um défice da satisfação das necessidades da criança, aumentaria o risco do desenvolvimento de hostilidade e agressividade, dependência ou independência defensiva, problemas de auto-estima, desadequação e instabilidade emocional, e visão negativa do mundo (Rohner & Khaleque, 2008, cit. in Oliveira, 2012, pg. 7).

Rohner e colaboradores (2012) procuram responder a cinco classes de questões, atendendo a três sub-teorias da PARTheory, designadamente as referentes à Personalidade, às estratégias de *Coping* e aos Sistemas Socioculturais. A subteoria da Personalidade tenta explicar e prever as principais consequências da percepção de aceitação versus rejeição parental durante a infância e adultez no processo de construção da personalidade (Rohner, 2004 cit. in Santos, 2012, p. 6). A subteoria do *Coping* procura responder à questão seguinte: por que motivo algumas crianças e adultos que experienciaram rejeição parental revelam resiliência para lidar mais eficazmente com tal experiência do que a maioria dos outros que experienciam a rejeição na infância? (Rohner et al., 2012). A subteoria dos Sistemas Socioculturais tenta explicar as origens da Aceitação-Rejeição Parental percebida, ou seja, o que leva alguns pais a serem afectuosos com os filhos e outros a serem frios, agressivos e/ou negligentes (Rohner, 2004 cit. in Santos, 2012; Rohner, et al., 2012).

De acordo com a PARTheory, a Aceitação-Rejeição Parental remete para a dimensão da Afectuosidade *parental*, que se expressaria através de um *continuum* entre dois polos opostos (Aceitação versus Rejeição) e ao longo do qual todos os sujeitos se distribuiriam de acordo com a percepção da experiência vivida durante a infância relativamente à maior ou menor aceitação ou rejeição percebida por parte dos seus pais/cuidadores principais (Santos, 2012). Assim, num dos extremos encontra-se a percepção de aceitação parental - associada à experiência percebida de carinho, afecto, cuidado, conforto, preocupação, apoio, suporte ou amor - (Rohner & Khaleque, 2008, cit. in Oliveira, 2012, p. 9). O extremo oposto diz respeito à experiência de rejeição parental - ausência de sentimentos e/ou comportamentos parentais afectuosos e/ou comportamentos parentais aversivos e dolorosos (op. cit.).

A partir dos dados multiculturais recolhidos por todo o mundo, Rohner e colaboradores (2005, cit. in Pires, 2010, p. 18) concluem que a Aceitação-Rejeição Parental constitui um forte preditor universal do ajustamento psicológico e comportamental da criança e do adulto. Atendendo aos estudos psicométricos das escalas utilizadas para avaliar a Aceitação-Rejeição Parental percebida, Rohner e colaboradores (2001) identificaram quatro dimensões: Afectuosidade, Hostilidade/Agressão, Indiferença/Negligência e Rejeição Indiferenciada.

Atendendo à investigação realizada em torno da Aceitação-Rejeição Parental, evidencia-se um estudo intercultural levado a cabo por Dwairy (2010, cit. in Santos, 2012, p.7) em nove países, com 2.884 adolescentes oriundos de várias culturas, a partir do qual se verificou que a rejeição parental percebida apresentava níveis baixos e similares na maior parte dos países contemplados no estudo, mas que se associava positivamente com o nível de desajustamento psicológico, independentemente da cultura, etnia, língua, raça ou género. Com base nestes resultados, foi possível validar a tese de Rohner (2004, cit. in op. cit.) de que a rejeição percebida constituiria um forte preditor do desajustamento psicológico.

Rohner (Rohner, 2004, Rohner & Khaleque, 2002, cit. in. Santos,

2012, p.7) operacionalizou o (des)ajustamento psicológico a partir da identificação de 7 dimensões ou factores: 1) Hostilidade, agressão, agressão passiva ou problemas de gestão da Hostilidade e agressividade; 2) dependência/independência defensiva, dependendo da forma, frequência, duração e intensidade da rejeição percebida; 3) auto-estima debilitada; 4) auto-adequação debilitada; 5) irresponsividade emocional; 6) instabilidade emocional e 7) visão negativa do mundo. Deste modo, as pessoas que se sentiram rejeitadas durante a infância correm o risco de desenvolver uma visão hostil do mundo percebendo-o como inseguro, ameaçador ou perigoso (Santos, 2012).

Segundo a subteoria da Personalidade citada anteriormente, a percepção de segurança emocional e bem-estar dos adultos dependeria igualmente da qualidade percebida do relacionamento com outros adultos significativos durante a idade adulta. Deste modo, a aceitação ou a rejeição percebida por parte do parceiro íntimo teria uma influência significativa no ajustamento psicológico dos adultos (Rohner & Khaleque, 2001; cit. in, Santos, 2012, pg. 7).

3.1. Aceitação-Rejeição Parental percebida, Generatividade e Confiança Interpessoal

Segundo Rothrauff & Cooney (2008), os adultos que têm memórias positivas dos atributos parentais (aceitação parental percebida) expressam maior Generatividade e bem-estar psicológico ao longo da idade adulta, comparativamente aos jovens e adultos que se sentem ou sentiram rejeitados, os quais correm um maior risco de vir a desenvolver problemas de comportamento, depressão ou humor depressivo e/ou problemas associados ao abuso de substâncias, entre outros (Rohner & Khaleque, 2008 cit. in Oliveira, 2012, p. 8).

A partir do estudo de Santos (2012) junto de mulheres grávidas e dos seus pares amorosos, com idades entre os 18.6 e os 43.6 anos, verificou-se que a Afectuosidade materna se associava positivamente ao índice de Generatividade e que a Rejeição materna se associava negativamente à Generatividade. Observou-se, no mesmo estudo, que o envolvimento positivo na gravidez estava associado a médias mais elevadas do nível de Generatividade e a médias mais baixas da Rejeição Materna percebida.

II - Objectivos

Os estudos anteriormente apresentados na revisão bibliográfica apontam uma relação estreita entre os construtos de Confiança Interpessoal, Generatividade e percepção de Aceitação-Rejeição Parental. Tendo em conta que a Confiança tem vindo a ser apontada como uma variável pertinente para o desenvolvimento da Generatividade, o presente estudo procurou confirmar aquela relação, atendendo ao nível de confiança no par amoroso. Para além disso, uma vez que tanto a Confiança no par amoroso (Santos, 2014) como a

Generatividade (Santos, 2012) decorrem, em parte, da Aceitação-Rejeição Parental percebida, esta variável foi igualmente tida em conta.

Este estudo tem, assim, como objectivo analisar a relação entre os níveis de confiança interpessoal no par amoroso, de generatividade, de rejeição parental percebida e a experiência subjectiva da gravidez de casais à espera de um filho.

Assim, tendo em consideração os dados da revisão bibliográfica apresentados, formularam-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: A Confiança Interpessoal no Par Amoroso

Hipótese 1.1: A Confiança Interpessoal está associada à experiência subjectiva positiva da gravidez.

Hipótese 2: A Generatividade

Hipótese 2.1: O nível de Generatividade associa-se positivamente ao nível de Confiança Interpessoal no par amoroso.

Hipótese 2.2: O nível de Generatividade associa-se à experiência subjectiva positiva do casal ao longo da gravidez.

Hipótese 3: A Rejeição Parental

Hipótese 3.1: Existe uma associação entre a Rejeição Parental e a experiência subjectiva negativa da gravidez.

Hipótese 3.2: A Rejeição Parental percebida associa-se negativamente à Confiança Interpessoal no par amoroso

III - Metodologia

1. Descrição da Amostra

A amostra foi constituída por 100 casais (n=200) à espera de um filho. Como se pode observar na Tabela 1, a média das idades foi de 30.96 (DP=3.818) e a mediana foi 31, estando compreendidas entre os 24 e os 53 anos.

Tabela 1. Dados descritivos - idade

	Amostra Total
Média	30,96
Mediana	31
Mínimo	24
DP	3,818
Máximo	53
N	200

Todos os sujeitos inquiridos utilizam o Português como a sua língua materna (n=200), ou seja, 100%.

Quanto ao grau de escolaridade, este oscila entre o grau “*inferior ao 12º ano*” e “*estudos pós-graduados ou equivalente*”. Segundo a Tabela 2, é possível verificar que a maioria dos sujeitos (n=58) tem a Licenciatura ou

Grau Equivalente (29%), 22% tem o 12º Ano com diploma profissional específico (n=44) e a mesma percentagem possui um grau de escolaridade inferior ao 12º Ano. Dos restantes sujeitos, 34 têm o 12º Ano (17%), 5,5% frequentaram a faculdade sem conclusão da licenciatura (n=11) e 9 sujeitos têm uma Pós-graduação ou equivalente (4,5%).

Tabela 2. Dados descritivos - Grau de Escolaridade

	N	Percentagem %
Inferior ao 12º Ano	44	22
12º Ano	34	17
12º Ano com diploma profissional específico	44	22
Frequência na faculdade sem conclusão da licenciatura	11	5,5
Licenciatura/grau equivalente	58	29
Pós-Graduação/Equivalente	9	4,5
Total	200	100

Relativamente à *Situação Laboral*, 77% (n=154) encontram-se empregados a tempo inteiro, 14,5% (n=29) estão desempregados à procura de trabalho, 8% (n=16) são empregados em tempo parcial e 1 sujeito (0,5%) está desempregado e não à procura de emprego (cf. Tabela 3).

Tabela 3. Dados descritivos - Situação Laboral

	N	Percentagem %
Desempregado e não à procura de emprego	1	0,5
Desempregado à procura de trabalho	29	14,5
Empregado a Tempo Parcial	16	8
Empregado a Tempo Inteiro	154	77
Total	200	100

Por último, quanto ao *Estatuto Marital* constatou-se que a maioria dos sujeitos (n=162) estava casada e a viver com o Cônjuge (81%) e que 19% vive em união consensual (n=38) (cf. Tabela 4).

Tabela 4. Dados descritivos - Estatuto Marital

	N	Percentagem %
Casado e a viver com o Cônjuge	162	81
União Consensual	38	19
Total	200	100

2. Instrumentos

Neste estudo irão ser utilizados cinco instrumentos: (1) Adaptação portuguesa do Formulário de Dados Pessoais de Rohner (2008), (2) Questionário sobre a Gravidez versão homem e mulher de Santos e Oliveira

(2012), (3) Adaptação Portuguesa da *Adult Specific Trust Scale* (Johnson-George & Swap, 1982; Rotenberg et al., 2010) de Vale-Dias, M. L. & Franco-Borges, G. (2014); (4) Adaptação portuguesa de Franco-Borges e Vaz-Rebello (2007) da Escala de Generatividade “LGS”, de McAdams e St. Aubin (1992) e (5) adaptação portuguesa de Franco-Borges e Vaz-Rebello (2010) do *Adult PARQ* (versão pai e mãe), de Rohner (2004).

Adaptação portuguesa do Formulário de Dados Pessoais de Rohner (2008)

Para a recolha dos dados sociobiográficos foi utilizada a adaptação portuguesa do Formulário de Dados Pessoais de Rohner (2008). O formulário é constituído por 7 grupos de questões sobre a idade, língua materna, grau de escolaridade, situação laboral, ocupação e estatuto marital do sujeito (cf. Anexo 1).

Questionário sobre a Gravidez versão homem e mulher de Santos e Oliveira (2012) – QG-H e QG-M

Este questionário baseia-se na *Entrevista pré-natal para a promoção da saúde mental na Gravidez e Primeira Infância: Promoção da Saúde Mental na gravidez e primeira infância – Manual de orientação para profissionais de saúde da Direcção Geral da Saúde (DGS, 2005)* (cf. Anexo 2) e tem como objectivo analisar a experiência subjectiva durante a gravidez.

Uma vez que a amostra é constituída por homens e mulheres, foram utilizadas as duas versões do questionário, homem (QG-H) e mulher (QG-M). As questões são iguais em ambas as versões, distinguindo-se apenas o sexo dos respondentes na formulação das questões.

Através da utilização deste questionário pretende-se fazer um levantamento dos sentimentos predominantes dos futuros pais, face à gravidez e à parentalidade. É constituído por 16 questões abertas, divididas por 6 categorias: 1) nível de envolvimento na gravidez (questões 1, 2, 3, 6 e 8); 2) consciencialização acerca das mudanças durante a gravidez (questão 5); 3) consciencialização das implicações da parentalidade (questões 7, 11, 12, 13 e 14); 4) planeamento do parto (questão 10 e 16); 5) comunicação no interior do casal (questões 4 e 15) e 6) suporte social (questão 9) (Oliveira, 2012; Santos, 2012).

Foi elaborada uma segunda categorização, visando simplificar as categorias iniciais. Deste modo, as respostas dos sujeitos passaram a inserir-se nas seguintes categorias: 1) Reação Positiva/Negativa/Ambivalência (questão 1); 2) Sim/Não (questões 2, 7a, 13, 14, 15 e 16); 3) Tristeza/Indiferença (questão 3); 4) Marido/Outros, *versão mulher* e Sim/Não, *versão homem* (questão 4); 5) Positivo/Negativo/Ambivalência (questão 6); 6) Sentimentos Positivos/Negativos (questão 8); 7) Espero Apoio/Não Espero Apoio (questão 9); 8) Sim/Não/Não Pensei Muito Nisso (questão 10); 9) Mudanças Instrumentais/Crescimento Pessoal/Não Afectará (questão 11a); 10) Positivo/Negativo/Não afectará (questões 11b e 11c) e 11) Sim/Não/Mais ou Menos (questão 12).

Adaptação Portuguesa da *Adult Specific Trust Scale* (Johnson-George & Swap, 1982; Rotenberg et al., 2010) de Vale-Dias, M. L. & Franco-Borges, G. (2014)

O questionário de Confiança Interpessoal para Adultos constitui a versão da adaptação portuguesa de Vale-Dias e Franco-Borges (2014) da *Adult Specific Trust Scale* (Johnson-George & Swap, 1982; Rotenberg et al., 2010), que visa analisar a Confiança Interpessoal em relação a uma pessoa específica (cf. Anexo 3). Neste estudo, a utilização deste questionário pretende avaliar o nível de confiança do sujeito relativamente ao seu par amoroso.

Este é um questionário de auto-resposta constituído por 10 itens cotados entre 1 (Concordo Totalmente) e 9 (Discordo Totalmente). Os itens deste questionário dividem-se por duas categorias: Confiança Emocional (1, 2, 3, 4, 5, 6) e Fidelidade (7, 8, 9, 10). Em relação à cotação dos itens, os itens 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 tem cotação invertida pelo que apenas o item 1 assume o valor do nível de resposta.

O *score* total do Questionário de Confiança Interpessoal para Adultos traduz o nível de Confiança que o sujeito tem no seu par amoroso, podendo oscilar entre o mínimo de 10 pontos (correspondentes ao mínimo da confiança) e o máximo de 90 pontos (correspondentes ao máximo de confiança).

***Escala de Generatividade* (Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2007) - Adaptação portuguesa da *Loyola Generativity Scale* – LGS (McAdams & de St. Aubin, 1992)**

A adaptação portuguesa da *Loyola Generativity Scale* – LGS de McAdams & de St. Aubin (1992) - Escala de Generatividade (Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2007) é composta por 20 itens de resposta fechada, que abarcam várias dimensões da Generatividade: transmissão de conhecimentos/experiências; preocupação com as gerações futuras; contributo para a comunidade através do envolvimento em determinadas actividades/organizações; responsabilização pelos outros; realização de actividades susceptíveis de virem a ser recordadas por um longo período de tempo (Santos, 2012) (cf. Anexo 4).

A Escala de Generatividade incide nas intenções e crenças relativamente à Generatividade e não em acções concretas relacionadas com a mesma, podendo por isso ser usada em diferentes etapas do ciclo vital.

Este questionário é cotado tendo em conta 4 níveis de resposta cujos valores estão compreendidos entre 0 e 3 (0= nunca, 1=raramente, 2=geralmente, 3=sempre ou quase sempre). Relativamente à cotação dos itens, os itens 2, 5, 9, 13, 14 e 15 têm cotação invertida, assumindo os restantes o valor do nível de resposta. Assim, o *score* total varia entre um mínimo de 0 e um máximo de 60.

No que concerne às suas características psicométricas em estudos portugueses prévios (Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2007; Vaz-Rebello & Franco-Borges, 2009), o *alfa de Cronbach* obtido foi de 0.79, a partir de uma amostra de 391 estudantes universitários.

Adult PARQ – short form, de Rohner (2004) – adaptação portuguesa de Franco-Borges e Vaz-Rebello (2010)

O questionário de Aceitação-Rejeição Parental (PARQ) para adultos constitui a primeira versão experimental da adaptação portuguesa de Franco-Borges e Vaz-Rebello (2010) do Adult PARQ – *Parental Acceptance-Rejection Questionnaire* (Rohner, 2004) e pretende avaliar a percepção do adulto sobre o nível de Aceitação-Rejeição Parental durante a infância (7-12 anos) (cf. Anexo 5).

É um instrumento de auto-resposta, disponível em duas versões – *short form* (40 itens), que foi utilizada neste estudo, e *long form* (60 itens). O questionário é constituído por quatro subescalas que correspondem a quatro dimensões do comportamento parental, a partir das quais os adultos tendem a organizar as suas percepções de Aceitação-Rejeição Parental: 1) Afectuosidade, composta por 8 itens cotados inversamente; 2) Hostilidade/agressão, constituída por 6 itens; 3) indiferença/negligência, com 6 itens e 4) rejeição indiferenciada, com 4 itens (Santos, 2012).

O Adult PARQ utiliza uma escala tipo Likert com 4 níveis de resposta, entre 1 e 4 (4 = muitas vezes verdade; 3 = às vezes verdade; 2 = raramente verdade e 1 = nunca verdade).

O *score* total do Adult PARQ representa o nível de rejeição parental percebida pelo sujeito durante a infância, podendo variar entre o mínimo de 24 (máximo de aceitação percebida) e o máximo de 96 (máximo de rejeição percebida). O ponto modal é de 60, a partir do qual se conclui pela predominância de rejeição percebida. No entanto, a partir do valor de 56 já é possível considerar uma elevada rejeição percebida, ainda que não seja superior ao nível de aceitação percebida (Rohner & Khaleque, 2008, cit. in. Oliveira, 2012). Os valores da subescala da Afectuosidade podem variar entre 8 (máximo de Afectuosidade percebida) e 32 (mínimo de Afectuosidade percebida). Nas subescalas da Hostilidade e da Indiferença os valores podem variar entre 6 (mínimo de Hostilidade e de Indiferença percebida) e 24 (máximo de Hostilidade e de Indiferença percebida). Os valores da subescala da Rejeição Indiferenciada podem variar entre 4 (mínimo de Rejeição Indiferenciada) e 16 (máximo de Rejeição Indiferenciada).

3. Procedimentos

A recolha de dados realizou-se junto de casais à espera de um(a) filho(a) que estavam a ser seguidos nas consultas do Centro de Saúde de S. Martinho do Bispo e na Extensão de Taveiro, entre Julho e Agosto de 2015. Para além destes, recorreu-se também a casais à espera de um(a) filho(a) conhecidos da autora do presente trabalho ou que se disponibilizaram a colaborar mediante o pedido realizado em locais públicos.

Os dados recolhidos foram tratados através do programa de tratamento estatístico SPSS – *Social Package for the Social Sciences 22.0*®. Os testes estatísticos utilizados são descritos juntamente com as hipóteses colocadas.

IV – Resultados

Serão apresentados, seguidamente, os dados relativos às características psicométricas dos instrumentos utilizados (Consistência Interna) e à análise descritiva dos dados (Confiança Interpessoal, Generatividade, PARQ-F e PARQ-M). Não se procedeu à análise da Consistência Interna do QG-H e QG-M dado que este questionário sobre a gravidez não possui um *score* total.

1. Consistência Interna das Escalas

1.1. *Adult Specific Trust Scale*

A consistência interna da escala de Confiança Interpessoal foi calculada a partir do *alpha de Cronbach*, o qual obteve, do ponto de vista estatístico, um resultado “excelente” ($\alpha=.981$), como se observa na Tabela 5.

Tabela 5. Consistência Interna da *Adult Specific Trust Scale*

Alpha de Cronbach	Itens Removidos	Nº Itens
,981	0	10

1.2. Escala de Generatividade (EG)

A consistência interna da Escala de Generatividade calculou-se a partir do *alpha de Cronbach*, tendo obtido um resultado “bom” ($\alpha=.872$) do ponto de vista estatístico (cf. Tabela 6).

Tabela 6. Consistência Interna da Escala de Generatividade

Alpha de Cronbach	Itens Removidos	Nº Itens
,872	0	20

1.3. *Adult PARQ, versão father (Adult PARQ-F)*

A consistência interna do *Adult PARQ-F* foi calculada a partir do *alpha de Cronbach*, obtendo um resultado “excelente” ($\alpha=.963$), do ponto de vista estatístico como se observa na Tabela 7.

Tabela 7. Consistência Interna do *Adult PARQ-F*

Alpha de Cronbach	Itens Removidos	Nº Itens
,963	0	24

1.4. *Adult PARQ, versão mother (Adult PARQ-M)*

Calculou-se a consistência interna do *Adult PARQ-M* a partir do *alpha de Cronbach*, obtendo-se um resultado “excelente” ($\alpha=.967$) sob um ponto de vista estatístico (cf. Tabela 8).

Tabela 8. Consistência Interna do Adult PARQ-M

Alpha de Cronbach	Itens Removidos	Nº Itens
,967	0	24

2. Dados descritivos

2.1. Adult Trust Specific Scale

O *score* total da escala traduz o grau de confiança do sujeito relativamente ao seu Par Amoroso, podendo oscilar entre o mínimo de 10 (Grau de Confiança Interpessoal Baixo) e o máximo de 90 (Grau de Confiança Interpessoal Alto).

Na presente investigação, o grau de confiança variou entre o valor mínimo de 11 e o máximo de 90 (cf. Tabela 9), verificando-se uma média de 77,12 (DP=15,736) e uma mediana de 80,5.

Deste modo, os resultados revelam que 133 sujeitos (66,5%) manifestam um grau de confiança acima da média e 67 abaixo da média (33,5%).

Deste modo, a maior parte dos sujeitos apresenta um grau de Confiança Interpessoal elevado no par amoroso.

Tabela 9. Dados Descritivos da Adult Specific Trust Scale

	Amostra	Percentagem %
Média	77,12	
Mediana	80,5	
DP	15,736	
Mínimo	11	
Máximo	90	
≥ 77,12	N=133	66,5
< 77,12	N=67	33,5

2.2. Escala de Generatividade (EG)

O *score* total da EG representa o grau em que um adulto manifesta preocupação em causar um impacto positivo e duradouro no outro e nas gerações futuras, variando entre o mínimo de 0 e o máximo de 60.

O índice de Generatividade, como é possível verificar na Tabela 10, variou entre o valor mínimo de 14 e o valor máximo de 55. Assim, os resultados obtidos demonstram que 42 sujeitos (52,5%) revelam uma preocupação consciente em ter um impacto positivo nos outros e nas gerações futuras, apresentando um índice de Generatividade igual ou superior à média da amostra (média=34,80; DP=9,02).

Tabela 10. Dados Descritivos da Escala de Generatividade

	Amostra	Percentagem %
Média	37,55	
Mediana	38	
DP	8,267	
Mínimo	14	
Máximo	59	
≥ 37,55	N=110	55
< 37,55	N=90	45

2.3. Adult PARQ-F e Adult PARQ-M

Como já foi referido anteriormente, o *score* total da PARQ traduz o nível de rejeição parental percebida, oscilando entre o mínimo de 24 – ausência de rejeição percebida, e o máximo de 96 – máximo de rejeição percebida. O indicador de uma percepção de rejeição superior à aceitação é considerado a partir de um *score* de 56 pontos (PM=60).

No que diz respeito à Adult PARQ-F (rejeição paterna percebida), os resultados obtidos demonstram que 86,5% (N=173) dos sujeitos se percebem como não tendo sido rejeitados pela figura paterna, contra 11,5% (N=23) que obtiveram um *score* acima do ponto modal. A média foi de 42,87 (DP=13,790), como se pode observar na Tabela 11, encontrando-se abaixo do ponto modal indicador de rejeição (PM=60).

Tabela 11. Dados Descritivos PARQ-F

	Amostra	Percentagem %
Média	42,87	
Mediana	40,5	
DP	13,790	
Mínimo	27	
Máximo	87	
≥ 60	N=23	11,5
< 60	N=173	86,5
Sem resposta	N=4	2

Relativamente à Adult PARQ-M (rejeição materna percebida), verificou-se que 90,5% (n=181) da amostra se percebe como não tendo sido rejeitados pela figura materna enquanto 18 sujeitos (9%) se percebem como tendo sido rejeitados pela figura materna. A média é de 37,93 (DP=13,301) (cf. Tabela 12).

Tabela 12. Dados Descritivos PARQ-M

	Amostra	Percentagem %
Média	37,93	
Mediana	32	
DP	13,301	
Mínimo	27	
Máximo	87	
≥ 60	N=18	9
< 60	N=181	90,5
Sem resposta	N=1	0,5

2.4. Questionário sobre a experiência subjectiva durante a gravidez, versão homem e mulher (QG-H/QG-M)

Na “Questão 1” pretende-se averiguar qual a primeira reacção que os sujeitos tiveram perante a notícia da gravidez.

As respostas obtidas foram divididas por 3 categorias: *Positiva* (“Felicidade”, “Bem”, “Realização”), *Negativa* (“Ansiedade”, “Tristeza”, “Receio”) e *Ambivalência* (“Surpresa”, “Sem reacção”, “Confusão”).

Tendo em conta as respostas, verificou-se que 80 homens (80%) manifestaram uma primeira reacção positiva perante a gravidez das suas parceiras, 18% (n=18) tiveram uma primeira reacção negativa e apenas 2 homens (2%) tiveram uma reacção ambivalente. Por sua vez, a maioria das grávidas (n=81; 81%) manifestou uma primeira reacção positiva, contra 19% (n=19) que reagiram negativamente à confirmação da gravidez (cf. Tabela 13).

Tabela 13. Primeira reacção à gravidez - Questão 1

		N	Percentagem %
QG-H	Positiva	80	80
	Negativa	18	18
	Ambivalência	2	2
	Total	100	100
QG-M	Positiva	81	81
	Negativa	19	19
	Ambivalência	0	0
	Total	100	100

Na Tabela 14 apresentam-se os resultados obtidos na “Questão 2” referentes ao planeamento da gravidez, segundo as categorias *Sim* e *Não*.

Observou-se que 78% dos homens (n=78) referem que a gravidez foi planeada, enquanto 22 homens (22%) dizem não ter sido planeada. Por sua vez, 75% das mulheres (n=75) refere que a gravidez foi planeada e 25% (n=25) referem não ter planeado.

Tabela 14. Planeamento da Gravidez - Questão 2

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	78	78
	Não	22	22
	Total	100	100
QG-M	Sim	75	75
	Não	25	25
	Total	100	100

A “Questão 3” remete para o sentimento perante um aborto espontâneo, categorizando-se as respostas em 2 categorias: *Tristeza* (“Tristeza”, “Desilusão”, “Mal”) e *Indiferença* (“Alívio”, “Indiferença”).

Relativamente aos homens, 94 (94%) experienciarão um sentimento de *Tristeza* e 6 (6%) sentirão *Indiferença* (cf. Tabela 15). Nas mulheres grávidas verificou-se os mesmos resultados que nos homens.

Tabela 15. Sentimento se abortasse - Questão 3

		N	Percentagem %
QG-H	Tristeza	94	94
	Indiferença	6	6
	Total	100	100
QG-M	Tristeza	94	94
	Indiferença	6	6
	Total	100	100

Relativamente à questão sobre a “primeira pessoa a saber da gravidez” (questão 4), para os homens categorizaram-se as respostas com *Sim* e *Não* e as respostas das mulheres como *Marido* e *Outros*.

Deste modo, verificou-se que 91 homens (91%) referem ter sido os primeiros a saber da gravidez e 9 (9%) dizem não ter sido os primeiros (cf. Tabela 16). Por sua vez, na mesma tabela, é possível verificar que 90 mulheres (90%) referem ter sido o parceiro a primeira pessoa a saber da gravidez enquanto 10 (10%) contaram primeiro a outra pessoa significativa.

Tabela 16. Primeiro a saber da gravidez - Questão 4

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	91	91
	Não	9	9
	Total	100	100
QG-M	Marido/Parceiro	90	90
	Outros	10	10
	Total	100	100

A “Questão 5” relativa às mudanças que o homem tem notado na parceira ou às mudanças que a grávida tem notado em si, não se considerou para análise dado que as respostas se referiam a mudanças comuns que ocorrem ao longo do processo da gravidez. Salientam-se, no entanto, as mudanças físicas, de humor e maior sensibilidade.

A Tabela 17 refere-se aos sentimentos predominantes durante a gravidez (Questão 6). Também nesta questão se dividiram as respostas em 3 categorias: *Positivo* (“Tranquilidade”, “Bem-estar”, “Felicidade”), *Negativo* (“Tristeza”, “Ansiedade”, “Mal-estar”) e *Ambivalência* (respostas que incluíam sentimentos positivos e negativos).

Verificou-se que 82 homens (82%) apresentam sentimentos *Positivos* enquanto 14 (14%) apresentam sentimentos *Negativos* e 3 homens (3%) referem sentimentos de *Ambivalência*. Por sua vez, 79% das grávidas (n=79) deu respostas de teor *Positivo*, 20% (n=20) respostas de teor *Negativo* e 1% (n=1) de *Ambivalência*.

Tabela 17. Sentimento de modo geral - Questão 6

		N	Percentagem %
QG-H	Positiva	82	82
	Negativa	14	14
	Ambivalência	3	3
	Sem resposta	1	1
	Total	100	100
QG-M	Positiva	79	79
	Negativa	20	20
	Ambivalência	1	1
	Total	100	100

A “Questão 7” (homens – “preocupação em ajudar a parceira a alterar rotinas”; mulheres – “preocupação em alterar rotinas”) categorizou-se em *Sim* e *Não*.

Foi possível aferir que 41% dos homens (n=41) demonstraram preocupação em ajudar a parceira a alterar as suas rotinas e 59% (n=59) não se mostraram preocupados com esta questão (cf. Tabela 18). Relativamente às grávidas, 70 (70%) revelaram preocupação na alteração das suas rotinas e 30 (30%) não demonstraram essa preocupação (cf. Tabela 18).

Tabela 18. Preocupação em alterar/ajudar a alterar rotinas - Questão 7

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	41	41
	Não	59	59
	Total	100	100
QG-M	Sim	70	70
	Não	30	30
	Total	100	100

A “Questão 8” está relacionada com os adjectivos que melhor descrevem os sujeitos perante o período de preparação para a parentalidade. Assim, categorizaram-se os adjectivos em *Positivos* (“Feliz”, “Alegre”, “Confiante”, “Satisfeito/a” e “Bonita”) e *Negativos* (“Inseguro/a”, “Assustado/a”, “Preocupado/a”, “Surpreendido/a”, “Feia”).

Na Tabela 19 estão apresentados os dados referentes a esta questão, podendo-se observar que 85% dos homens (n=85) se descrevem de forma positiva e 15 (15%) de forma negativa. Nas mulheres observa-se que 81% (n=81) se descrevem de forma positiva e 19% (n=19) de forma negativa.

Tabela 19. Adjectivos que melhor o/a descrevem - Questão 8

		N	Percentagem %
QG-H	Positivos	85	85
	Negativos	15	15
	Total	100	100
QG-M	Positivos	81	81
	Negativos	19	19
	Total	100	100

A Tabela 20 apresenta os dados relativos à “Questão 9” que se prende com o “Apoio Esperado”. Neste caso as questões foram categorizadas da seguinte forma: *Espero Apoio e Não Espero Apoio*.

Observou-se que 58 homens (58%) esperam ter apoio enquanto 42 (42%) não esperam. Relativamente às grávidas, 65 (65%) espera ter apoio e 34 (34%) não.

Tabela 20. Apoio esperado - Questão 9

		N	Percentagem %
QG-H	Espero Apoio	58	58
	Não espero apoio	42	42
	Total	100	100
QG-M	Espero Apoio	65	65
	Não espero apoio	34	34
	<i>Sem resposta</i>	1	1
	Total	100	100

A “Questão 10” remete para o planeamento do parto (“*Já pensou acerca do parto?*”), categorizando-se em *Sim*, *Não* e *Não pensei muito*.

Verificou-se que 51% dos homens (n=51) já pensou sobre este assunto e que 49% (n=49) não pensou. 69% das grávidas (n=69) já pensaram no parto e 31 (31%) ainda não, como se pode verificar na Tabela 21.

Tabela 21. Planeamento do parto - Questão 10

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	51	51
	Não	49	49
	Total	100	100
QG-M	Sim	69	69
	Não	31	31
	Total	100	100

A “Questão 11” é constituída por 4 alíneas: *Mudanças pessoais esperadas*, *Mudanças familiares esperadas*, *Mudanças esperadas na relação conjugal* e *Mudanças a nível financeiro*. Esta última alínea não foi considerada para análise, uma vez que, de um modo geral, todos os sujeitos responderam que a chegada do bebé traria “mais gastos” e “melhor gestão do orçamento familiar”.

Deste modo, as respostas à alínea a) categorizaram-se como *Mudanças Instrumentais*, *Crescimento Pessoal* e *Não Afectará*. Verificou-se que a maior parte dos homens (n=47; 47%) referiram as *Mudanças Instrumentais* como as maiores mudanças, 23 (23%) o *Crescimento Pessoal* e 30 (30%) referiram que *Não afectará*. Por sua vez, 62% das grávidas inquiridas (n=62) referiram as *Mudanças Instrumentais* como as principais *Mudanças Pessoais Esperadas*, 16 (16%) referiram o *Crescimento Pessoal* e 22 (22%) que *Não afectará* (cf. Tabela 22).

Tabela 22. Mudanças pessoais esperadas - Questão 11a)

		N	Percentagem %
QG-H	Mudanças Instrumentais	47	47
	Crescimento Pessoal	23	23
	Não afectará	30	30
	Total	100	100
QG-M	Mudanças Instrumentais	62	62
	Crescimento Pessoal	16	16
	Não afectará	22	22
	Total	100	100

Em termos de categorização das respostas às alíneas b) e c), esta foi feita da seguinte forma: *Positivo/Fortalecimento*, *Negativo/Obstáculos* e *Não Afectará*.

Assim, na alínea b) verificou-se que 57 homens (57%) consideram que as mudanças serão positivas, 3 (3%) vêem as mudanças como negativas e 40 (40%) consideram que a chegada do bebé não irá afectar a parte familiar. 63% das mulheres (n=63) vêem as mudanças familiares como positivas, 4 (4%) como negativas e 33 (33%) consideram que não existirão mudanças (cf. Tabela 23).

Tabela 23. Mudanças familiares esperadas - Questão 11b)

		N	Percentagem %
QG-H	Positivo/Fortalecimento	57	57
	Negativo/Obstáculos	3	3
	Não afectará	40	40
	Total	100	100
QG-M	Positivo/Fortalecimento	63	63
	Negativo/Obstáculos	4	4
	Não afectará	33	33
	Total	100	100

A Tabela 24 apresenta os dados referentes à alínea c) em que 57 homens (57%) referem que as mudanças serão positivas, 25 (25%) negativas e 18 (18%) acham que a relação conjugal não sofrerá alterações. Por sua vez, 58 mulheres (58%) consideram que as mudanças serão positivas, 31 (31%) que serão negativas e 11 (11%) consideram que a chegada do bebé não afectará a relação conjugal.

Tabela 24. Mudanças esperadas na relação conjugal - Questão 11c)

		N	Percentagem %
QG-H	Positivo/Fortalecimento	57	57
	Negativo/Obstáculos	25	25
	Não afectará	18	18
	Total	100	100
QG-M	Positivo/Fortalecimento	58	58
	Negativo/Obstáculos	31	31
	Não afectará	11	11
	Total	100	100

Relativamente à Questão 12 (“*Confiança para lidar com a mudança*”), as respostas incluíram-se nas categorias *Sim*, *Não* e *Mais ou Menos*. Deste modo, verificou-se que 78 homens (78%) e 78 mulheres (78%) se sentem confiantes para lidar com as mudanças que esta nova etapa acarreta, 20 homens (20%) e 20 mulheres (20%) não se sentem confiantes e 1 mulher (1%) refere que se sente *Mais ou menos* (cf. Tabela 25).

Tabela 25. Confiança para lidar com as mudanças - Questão 12

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	78	78
	Não	20	20
	<i>Sem resposta</i>	2	2
	Total	100	100
QG-M	Sim	78	78
	Não	20	20
	Mais ou menos	1	1
	<i>Sem resposta</i>	1	1
	Total	100	100

A “Questão 13” refere-se à preocupação com a depressão pós-parto, sendo categorizada em *Sim* e *Não*.

Verificou-se, então, que 79 homens (79%) não se sentem preocupados com esta situação e que 21 (21%) manifestaram essa preocupação. Nas grávidas, por sua vez, 44 (44%) preocupam-se com uma possível depressão pós-parto e 56 (56%) não se preocupam (cf. Tabela 26).

Tabela 26. Preocupação com a depressão pós-parto - Questão 13

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	21	21
	Não	79	79
	Total	100	100
QG-M	Sim	44	44
	Não	56	56
	Total	100	100

As questões 14, 15 e 16 categorizaram, também, as suas respostas em *Sim* e *Não*.

No que concerne à “Questão 14”, 49 homens (49%) referiram ainda não ter tomado qualquer decisão relativamente à amamentação enquanto 51 (51%) já pensaram no assunto (cf. Tabela 27). Por sua vez, verifica-se na mesma tabela que 67 mulheres (67%) já tomaram essa decisão, contra 33 (33%) que ainda não decidiram.

Tabela 27. Decisão relativamente à amamentação - Questão 14

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	51	51
	Não	49	49
	Total	100	100
QG-M	Sim	67	67
	Não	33	33
	Total	100	100

Na Tabela 28, referente à “Questão 15”, constata-se que 48 homens (48%) já discutiram a decisão da amamentação com a sua parceira enquanto 52 (52%) ainda não. Nas grávidas, 50 (50%) já discutiram a decisão com o seu parceiro e 50 (50%) ainda não o fizeram.

Tabela 28. Discussão da amamentação com o/a parceiro/a - Questão 15

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	48	48
	Não	52	52
	Total	100	100
QG-M	Sim	50	50
	Não	50	50
	Total	100	100

A questão relativa à frequência de algum curso de preparação para o parto (questão 16) revela que 45 homens (45%) não frequentam qualquer curso contra 55 (55%) que frequentam com as suas companheiras um curso de preparação para o parto. Relativamente às mulheres, 57 (57%) frequentam um curso de preparação para o parto e 43 (43%) não frequentam (cf. Tabela 29).

Tabela 29. Frequência de curso de preparação para o parto - Questão 16

		N	Percentagem %
QG-H	Sim	55	55
	Não	45	45
	Total	100	100
QG-M	Sim	57	57
	Não	43	43
	Total	100	100

3. Relação entre as variáveis: Teste das hipóteses

3.1. A Confiança Interpessoal no Par Amoroso

Hipótese 1.1: A Confiança Interpessoal no par amoroso está associada à experiência subjectiva positiva da gravidez.

Para averiguar a existência de uma associação entre as variáveis da Confiança Interpessoal no par amoroso e da experiência subjectiva da gravidez seleccionaram-se os itens do Questionário da Gravidez que exprimiam o envolvimento dos progenitores na gravidez (itens 1, 2, 6, 8).

Com base nos itens do Questionário da Gravidez que exprimem o envolvimento dos progenitores ao longo da gravidez, procedeu-se à comparação das médias da Confiança Interpessoal no par amoroso em

função das categorias de resposta aos itens do Questionário da Gravidez.

Para comparar a Confiança Interpessoal relativamente à *Primeira reacção perante a gravidez* (item 1), testou-se a diferença entre as várias categorias, através do teste Kruskal-Wallis. Deste modo, os sujeitos que referem uma primeira reacção *Positiva* apresentam uma média mais elevada de Confiança Interpessoal no par amoroso (M=79,05; DP=14,18), comparativamente aos sujeitos que relatam uma primeira reacção *Negativa* (M=68,78; DP=19,42) e *Ambivalente* (M=76,00; DP=18,39), sendo esta comparação estatisticamente significativa (K-W=16,543; $p < 0,01$), tal como se observa na tabela 30.

Tabela 30. Comparação da média da Trust nas categorias do item 1 - Primeira reacção à gravidez

Categoria	Média	DP	K-W	p	Post-Hoc
Positivo	79.05	14.18			
Negativo	68.78	19.42	16.543	0.000*	Positivo> Negativo
Ambivalente	76.00	18.39			Positivo> Ambivalente

* $p < 0.01$

Para comparar as médias na Confiança Interpessoal no par amoroso relativamente ao *Planeamento da gravidez* (item 2), testou-se a diferença entre as categorias de resposta através do teste U de Mann Whitney. Assim, os sujeitos que planearam a gravidez (categoria *Sim*) apresentam uma média de Confiança Interpessoal significativa mais elevada (M= 79,65; DP= 13,59), comparativamente aos sujeitos que referem não ter planeado a gravidez (categoria *Não*) (M=68,89; DP= 19,25), (U= 1985,000; $p < 0,01$), como se observa na tabela 31.

Tabela 31. Comparação da média da Trust nas categorias do item 2 - Planeamento da gravidez

Categoria	Média	DP	U	p
Sim	79.65	13.59		
Não	68.89	19.25	1985.000	0.000*

* $p < 0.01$

Para comparar o nível de Confiança Interpessoal relativamente ao *Sentimento face à gravidez* (item 6) testou-se a diferença entre as várias categorias, através do teste Kruskal-Wallis. Observou-se que os sujeitos que apresentam uma resposta *Ambivalente* têm uma média superior (M=84,00; DP=4,83) comparativamente aos sujeitos que apresentam uma resposta *Positiva* (M=79,16; DP= 14,19) ou *Negativa* (M=67,09; DP= 19,48), sendo esta comparação estatisticamente significativa (K-W= 22,108; $p < 0,01$) (cf. Tabela 32).

Tabela 32. Comparação da média da Trust nas categorias do item 6 - Sentimento geral

Categoria	Média	DP	K-W	p	Post-Hoc
Positivo	79.16	14.19			Ambivalente> Positivo
Negativo	67.09	19.48	22.108	0.000*	Ambivalente> Negativo
Ambivalente	84.00	4.83			

*p <0.01

Para comparar o nível de Confiança Interpessoal no par amoroso relativamente às várias categorias de resposta do item 8 (*Adjectivos que descrevem melhor o que sente neste momento*), utilizou-se o teste U de Mann Whitney. Assim, os sujeitos que referem adjectivos *Positivos* apresentam uma média de Confiança Interpessoal mais elevada (M= 79,95; DP=12,51) comparativamente aos sujeitos que referem adjectivos *Negativos* (M= 63,32; DP= 21,80), sendo esta comparação estatisticamente significativa (U= 1131,000; p <0,01) como se observa na tabela 33.

Tabela 33. Comparação da média da Trust nas categorias do item 8 - Adjectivos

Categoria	Média	DP	U	p
Positivo	79.95	12.51	1131.000	0.000*
Negativo	63.32	21.80		

*p <0.01

3.2. A Generatividade

Hipótese 2.1: O nível de Generatividade associa-se positivamente ao nível de Confiança Interpessoal no par amoroso.

Esta hipótese foi confirmada com base no *score* total da Escala de Generatividade e no *score* total da escala de Confiança Interpessoal, tendo-se verificado que existe uma correlação positiva moderada entre estas variáveis ($\rho= 0,492$, $p <0.01$).

Hipótese 2.2: O nível de Generatividade associa-se à experiência subjectiva positiva do casal ao longo da gravidez.

Tal como na Hipótese 1.1, foram utilizados os itens do Questionário da Gravidez que exprimem o envolvimento dos progenitores ao longo da gravidez (itens 1, 2, 6, 8). Procedeu-se à comparação das médias do nível de Generatividade em função das categorias de resposta aos itens do Questionário da Gravidez.

Para comparar o nível de Generatividade relativamente à *Primeira reacção perante a gravidez* (item 1), testou-se a diferença entre as várias categorias, através do teste Kruskal-Wallis. Deste modo, os sujeitos que referem uma primeira reacção *Positiva* apresentam uma média mais elevada de Generatividade (M=39,16; DP=7,46), comparativamente aos sujeitos que relatam uma primeira reacção *Negativa* (M=31,03; DP=8,21) e *Ambivalente*

(M=29,00; DP=11,31), sendo esta comparação estatisticamente significativa (K-W=26,829; $p < 0,01$), tal como se observa na tabela 34.

Tabela 34. Comparação da média da EG nas categorias do item 1 - Primeira reacção à gravidez

Categoria	Média	DP	K-W	p	Post-Hoc
Positivo	39.16	7.46			
Negativo	31.03	8.21	26.829	0.000*	Positivo > Negativo
Ambivalente	29.00	11.31			Positivo > Ambivalente

* $p < 0.01$

Para comparar as médias do nível de Generatividade relativamente ao *Planeamento da gravidez* (item 2), testou-se a diferença entre as categorias de resposta através do teste U de Mann Whitney. Assim, os sujeitos que planearam a gravidez (categoria *Sim*) apresentam uma média de Generatividade significativa mais elevada (M= 38,95; DP= 7,75), comparativamente aos sujeitos que referem não ter planeado a gravidez (categoria *Não*) (M=33,00; DP= 8,32), (U= 2163,000; $p < 0,01$), como se observa na tabela 35.

Tabela 35. Comparação da média da EG nas categorias do item 2 - Planeamento da gravidez

Categoria	Média	DP	U	p
Sim	38.95	7.75	2163.000	0.000*
Não	33.00	8.32		

* $p < 0.01$

Para comparar o nível de Generatividade relativamente ao *Sentimento face à gravidez* (item 6) testou-se a diferença entre as várias categorias, através do teste Kruskal-Wallis. Observou-se que os sujeitos que apresentam uma resposta *Ambivalente* têm uma média superior (M=39,75; DP=6,45) comparativamente aos sujeitos que apresentam uma resposta *Positiva* (M=38,98; DP= 7,60) ou *Negativa* (M=31,03; DP= 8,09), sendo esta comparação estatisticamente significativa (K-W= 22,064; $p < 0,01$) (cf. Tabela 36).

Tabela 36. Comparação da média da EG nas categorias do item 6 - Sentimento geral

Categoria	Média	DP	K-W	p	Post-Hoc
Positivo	38.98	7.60			Ambivalente > Positivo
Negativo	31.03	8.09	22.064	0.000*	Ambivalente > Negativo
Ambivalente	39.75	6.45			

* $p < 0.01$

Para comparar o nível de Generatividade relativamente às várias categorias de resposta do item 8 (*Adjectivos que descrevem melhor o que sente neste momento*), utilizou-se o teste U de Mann Whitney. Assim, os sujeitos que referem adjectivos *Positivos* apresentam uma média de

Generatividade mais elevada ($M= 39,09$; $DP=7,50$) comparativamente aos sujeitos que referem adjectivos *Negativos* ($M= 30,06$; $DP= 7,79$), sendo esta comparação estatisticamente significativa ($U= 1144,500$; $p <0,01$) (cf. Tabela 37).

Tabela 37. Comparação da média da EG nas categorias do item 8 - Adjectivos

Categoria	Média	DP	U	p
Positivo	39.09	7.50	1144.500	0.000*
Negativo	30.06	7.79		

* $p <0.01$

3.3. A Rejeição Parental

Hipótese 3.1: Existe uma associação entre a Rejeição Parental e a experiência subjectiva negativa da gravidez.

Para proceder à análise da associação entre a percepção de rejeição parental e a experiência subjectiva da gravidez, seleccionou-se primeiramente alguns itens do Questionário da Gravidez que exprimiam o envolvimento dos sujeitos durante a gravidez (itens 1, 2, 6, 8).

Procedeu-se à comparação das médias de Rejeição Parental em função das categorias de resposta aos itens do Questionário da Gravidez.

Para comparar a média de Rejeição Parental relativamente à *Primeira reacção perante a gravidez* (item 1), testou-se a diferença entre as várias categorias, através do teste Kruskal-Wallis. Deste modo, relativamente à Rejeição Paterna, os sujeitos que referem uma primeira reacção *Ambivalente* apresentam uma média mais elevada de Rejeição Paterna ($M=49,50$; $DP=19,09$), comparativamente aos sujeitos que relatam uma primeira reacção *Positiva* ($M=41,52$; $DP=12,62$) e *Negativa* ($M=48,27$; $DP=17,01$), não sendo esta comparação estatisticamente significativa ($K-W=4,821$; $p > 0,05$), tal como se observa na tabela 38.

Tabela 38. Comparação da média da PARQ-F nas categorias do item 1 - Primeira reacção à gravidez

Categoria	Média	DP	K-W	p	Post-Hoc
Positivo	41.52	12.62			Ambivalente > Positivo
Negativo	48.27	17.01	4.821	0.090*	Ambivalente > Negativo
Ambivalente	49.50	19.09			

* $p >0.05$

Em relação à Rejeição Materna, os sujeitos que referem uma primeira reacção *Ambivalente* apresentam uma média mais elevada de Rejeição Materna ($M=42,00$; $DP=21,21$), comparativamente aos sujeitos que relatam uma primeira reacção *Positiva* ($M=37,02$; $DP=12,21$) e *Negativa* ($M=41,68$; $DP=16,81$), não sendo esta comparação estatisticamente significativa ($K-W=1,833$; $p > 0,05$), como é possível observar na tabela 39.

Tabela 39. Comparação da média da PARQ-M nas categorias do item 1 - Primeira reacção à gravidez

Categoria	Média	DP	K-W	p	Post-Hoc
Positivo	37.02	12.21			Ambivalente> Positivo
Negativo	41.68	16.81	1.833	0.400*	Ambivalente> Negativo
Ambivalente	42.00	21.21			

*p >0.05

Para comparar as médias da Rejeição Paterna relativamente ao *Planeamento da gravidez* (item 2), testou-se a diferença entre as categorias de resposta através do teste U de Mann Whitney. Assim, os sujeitos que não planearam a gravidez (categoria *Não*) apresentam uma média de Rejeição Paterna significativa mais elevada (M= 49,24; DP= 16,74), comparativamente aos sujeitos que referem ter planeado a gravidez (categoria *Sim*) (M=40,92; DP= 12,16), (U= 2473,000; p <0,05), como se observa na tabela 40.

Tabela 40. Comparação da média da PARQ-F nas categorias do item 2 - Planeamento da gravidez

Categoria	Média	DP	U	P
Sim	40.92	12.16		
Não	49.24	16.74	2473.000	0.004*

*p <0.05

Procedeu-se do mesmo modo para comparar as médias da Rejeição Materna relativamente ao *Planeamento da Gravidez* (item 2). Os sujeitos que não planearam a gravidez (categoria *Não*) apresentam uma média de Rejeição Materna significativa mais elevada (M= 42,57; DP= 16,78), comparativamente aos sujeitos que referem ter planeado a gravidez (categoria *Sim*) (M=36,50; DP= 11,73), (U= 2878,500; p <0,05), como se observa na tabela 41.

Tabela 41. Comparação da média da PARQ-M nas categorias do item 2 - Planeamento da gravidez

Categoria	Média	DP	U	P
Sim	36.50	11.73		
Não	42.57	16.78	2878.500	0.043*

*p <0.05

Para comparar o nível de Rejeição Parental relativamente ao *Sentimento face à gravidez* (item 6) testou-se a diferença entre as várias categorias, através do teste Kruskal-Wallis. Observou-se que os sujeitos que apresentam uma resposta *Negativa* têm uma média superior de Rejeição Paterna (M=50,09; DP=17,23) comparativamente aos sujeitos que apresentam uma resposta *Positiva* (M=41,23; DP= 12,46) ou *Ambivalente* (M=43,25; DP= 14,89), sendo esta comparação estatisticamente significativa

(K-W= 7,186; p <0,05) (cf. Tabela 42).

Tabela 42. Comparação da média da PARQ-F nas categorias do item 6 - Sentimento geral

Categoria	Média	DP	K-W	p	Post-Hoc
Positivo	41.23	12.46			Negativo> Positivo
Negativo	50.09	17.23	7.186	0.028*	
Ambivalente	43.25	14.89			Negativo> Ambivalente

*p <0.05

Observou-se, também, que os sujeitos que apresentam uma resposta *Negativa* têm uma média superior de Rejeição Materna (M=43,76; DP=17,10) comparativamente aos sujeitos que apresentam uma resposta *Positiva* (M=36,73; DP= 12,11) ou *Ambivalente* (M=31,75; DP= 7,54), não sendo esta comparação estatisticamente significativa (K-W= 5,818; p> 0,05) (cf. Tabela 43).

Tabela 43. Comparação da média da PARQ-M nas categorias do item 6 - Sentimento geral

Categoria	Média	DP	K-W	p	Post-Hoc
Positivo	36.73	12.11			Negativo> Positivo
Negativo	43.76	17.10	5.818	0.055*	
Ambivalente	31.75	7.54			Negativo> Ambivalente

*p >0.05

Para comparar a Rejeição Paterna relativamente às várias categorias de resposta do item 8 (*Adjectivos que descrevem melhor o que sente neste momento*), utilizou-se o teste U de Mann Whitney. Assim, os sujeitos que referem adjectivos *Negativos* apresentam uma média de Rejeição Paterna mais elevada (M= 52,79; DP=17,74) comparativamente aos sujeitos que referem adjectivos *Positivos* (M= 40,87; DP= 11,95), sendo esta comparação estatisticamente significativa (U= 1628,000; p <0,01) (cf. Tabela 44).

Tabela 44. Comparação da média da PARQ-F nas categorias do item 8 - Adjectivos

Categoria	Média	DP	U	p
Positivo	40.87	11.95		
Negativo	52.79	17.74	1628.000	0.000*

*p <0.01

Para comparar a Rejeição Materna relativamente às várias categorias de resposta do item 8 (*Adjectivos que descrevem melhor o que sente neste momento*), utilizou-se o teste U de Mann Whitney. Assim, os sujeitos que referem adjectivos *Negativos* apresentam uma média de Rejeição Paterna mais elevada (M= 45,94; DP=18,38) comparativamente aos sujeitos que referem adjectivos *Positivos* (M= 36,28; DP= 11,38), sendo esta comparação estatisticamente significativa (U= 1956,500; p <0,05) (cf. Tabela 45).

Tabela 45. Comparação da média da PARQ-M nas categorias do item 8 - Adjectivos

Categoria	Média	DP	U	p
Positivo	36.28	11.38	1956.500	0.005*
Negativo	45.94	18.38		

*p < 0.05

Hipótese 3.2: A Rejeição Parental percebida associa-se negativamente à Confiança Interpessoal no par amoroso.

Procedeu-se à análise da correlação (coeficiente de Spearman) entre o *score* total da Confiança Interpessoal e os *scores* totais da PARQ-F ($\rho = -0,650$) (cf. Tabela 46) e da PARQ-M ($\rho = -0,616$) (cf. Tabela 47). Tendo em consideração os valores obtidos na Confiança Interpessoal no par amoroso e a percepção de rejeição parental, verificou-se que existe uma correlação negativa forte entre estas variáveis.

Procedeu-se, ainda, à análise da Confiança Interpessoal com cada uma das subescalas que constituem a PARQ. Foi possível verificar que existe uma correlação negativa moderada entre a Confiança Interpessoal e os *scores* das subescalas Hostilidade, Rejeição Indiferenciada e Indiferença. Verificou-se uma correlação negativa forte entre o *score* da Afectuosidade e a Confiança Interpessoal, o que significa uma associação positiva entre a Confiança Interpessoal e a Afectuosidade, uma vez que esta foi cotada de forma inversa para avaliar o nível de afectuosidade negativa.

Tabela 46. Correlação (coeficiente de Spearman) entre a percepção de Rejeição Parental (*score* total PARQ-F e subescalas) e o nível de Confiança Interpessoal no par amoroso

	PARQ-F	Afectuosidade	Hostilidade	Rejeição Indiferenciada	Indiferença
Trust					
ρ	- 0,650*	- 0,661*	- 0,574*	- 0,564*	- 0,525*

*p < 0.01

Tabela 47. Correlação (Coeficiente de Spearman) entre a percepção de Rejeição Parental (*score* total PARQ-M e subescalas) e o nível de Confiança Interpessoal no par amoroso

	PARQ-M	Afectuosidade	Hostilidade	Rejeição Indiferenciada	Indiferença
Trust					
ρ	- 0,616*	- 0,640*	- 0,525*	- 0,540*	- 0,505*

*p < 0.01

V - Discussão

Através da identificação com a gravidez da mulher, o homem partilha “sintomas” com ela e esta, em retribuição, integra-o nas suas representações do bebé. Segundo Oliveira (2012), o pai tem um papel fundamental durante toda a gravidez surgindo como principal fonte de apoio para a mulher e para o bebé. Tendo em consideração estudos anteriores que nos demonstram que, durante este processo, os homens tendem a reagir positivamente ao aumento das necessidades afectivas das suas parceiras (Peck, 1997) e tentam ajustar

os seus comportamentos (Krob,1999) demonstrando-se mais disponíveis, pacientes e condescendentes (Piccini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2005 cit. in Oliveira, 2012, p. 21), procurou-se averiguar a relação entre o nível de Confiança Interpessoal no par amoroso e a experiência subjectiva da gravidez (Hipótese 1.1). Esta hipótese foi confirmada, tendo-se verificado que os sujeitos com sentimentos predominantemente positivos (envolvimento positivo) apresentam uma média de Confiança Interpessoal no par amoroso mais elevada em relação aos sujeitos que apresentam sentimentos maioritariamente negativos (envolvimento negativo).

Tanto a Confiança como a Generatividade são entendidas como características integrantes dos estádios de desenvolvimento humano, segundo o Modelo de Erikson. Com base neste modelo, seria de esperar que que quanto maior o grau de Confiança Interpessoal no par amoroso maior o nível de Generatividade dos sujeitos (Hipótese 2.1). Observou-se uma correlação positiva entre estas variáveis, confirmando-se a hipótese de que o aumento de uma destas variáveis é acompanhado pelo aumento da segunda. Contudo, dado tratar-se de uma correlação moderada, pode-se inferir que haverá também outros factores a influenciar estas variáveis. Segundo Scabini & Iafrate (2003), o desenvolvimento da Generatividade é o centro da função parental, tendo um papel fulcral na forma como o sujeito encara a gravidez e o processo de transição para a parentalidade. Partindo desta premissa, seria expectável que, para um maior nível de Generatividade, se verificasse um envolvimento positivo da “família grávida” ao longo da gravidez (Hipótese 2.2). Verificou-se que os sujeitos com um envolvimento positivo ao longo da gravidez apresentam um nível de Generatividade mais elevado, corroborando a hipótese 2.2.

Partindo da premissa de que a gravidez representa um momento de transição não só para a mulher mas também para o homem, Oliveira (2012) referiu que esta fase engloba mudanças físicas na mulher e psicossociais em ambos os membros do casal. Para além destas alterações, Féres-Carneiro & Magalhães (2005) defendem que a percepção da atenção parental que os sujeitos têm nas suas memórias de infância se encontra fortemente relacionada com a motivação para a Parentalidade. Deste modo, era expectável que existisse uma associação entre a Percepção de Rejeição Parental e a experiência subjectiva negativa da gravidez (Hipótese 3.1). Ao verificarmos que a rejeição parental acarreta um maior risco de vivência de sentimentos negativos e de menor envolvimento, concluímos que a hipótese foi confirmada.

Segundo a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson, a Confiança surge na primeira infância e afecta o funcionamento do sujeito ao longo de todo o ciclo de vida. Cardoso (2012) refere que a confiança tem um papel central na aprendizagem e no funcionamento humano em geral, influenciando as modalidades de interacção interpessoal. Também a percepção de Aceitação-Rejeição Parental é uma fonte universalmente influente no ajustamento psicológico e comportamental do Adulto (Rohner & Khaleque, 2008, cit. in Oliveira, 2012). Deste modo, era expectável uma influência negativa da percepção de rejeição parental no grau de Confiança

Interpessoal no par amoroso (Hipótese 3.2). A correlação observada demonstra que um maior *score* de PARQ tem impacto na Confiança Interpessoal, diminuindo-a. Os resultados obtidos corroboram a referida hipótese, não só ao nível do *score* de PARQ em geral, mas também nas várias subescalas, nomeadamente Afectuosidade, Hostilidade, Rejeição Indiferenciada e Indiferença.

VI - Conclusões

Os dados apresentados nesta investigação contribuíram para o aprofundamento do papel da Confiança Interpessoal no par amoroso ao longo do processo de gravidez, enfatizando a sua pertinência no processo de transição para a parentalidade. Justificam-se, pois, acções dirigidas para o envolvimento parental no processo de gravidez, através de uma sensibilização para a inclusão de ambos os progenitores em todas as etapas do processo, atendendo a que a gravidez, mais do que um conjunto de transformações da mulher, constitui um processo de transição e readaptação desenvolvimental de ambos os progenitores. O melhor conhecimento do impacto de vários factores (Generatividade, Confiança Interpessoal e Aceitação-Rejeição Parental) neste período da vida do casal assume particular relevância para uma melhor abordagem destas situações por parte dos Psicólogos.

No mesmo sentido, torna-se pertinente a continuação de estudos longitudinais na área da Confiança Interpessoal no par amoroso com o objectivo de complementar a investigação já realizada. Dado que esta é uma fase de adaptação e reformulação de papéis, estes estudos poderiam permitir uma intervenção junto dos pais quer durante a gravidez quer após o parto de modo a auxiliar no ajustamento a esta nova fase e às tarefas que lhe são subjacentes.

Bibliografia

- Barroso, R. G., Machado, C. (2010). Definições, Dimensões e Determinantes da Parentalidade. *Psychologica*, vol. 1 (52). P. 211-229.
- Bem, L. A., Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da Parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconomic. *Psicologia em Estudo*, vol. 11 (p. 63-71). Maringá.
- Bradley, C. L., Marcia, J. E. (1998). Generativity-Stagnation: A Five-Category Model. *Journal of Personality*, 66:1 (39-64).
- Bradt, J. O. (1995). Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. In Carter, B., McGoldrick, M. (Eds.). *As mudanças no ciclo de vida familiar* (206-221). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Brás, P. M. F. (2008). Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Borum, R. (2010). *The Science of Interpersonal Trust*. McLean, VA: The Mltre Corporation, 2010. Disponível em: http://works.bepress.com/randy_borum/48 (26 /05/2015).
- Canavarro, M. C. (2001). Gravidez e maternidade – representações e tarefas de desenvolvimento. In Canavarro, M. C. (Ed.), *Psicologia da Gravidez e da Maternidade* (17-50). Coimbra: Quarteto Editora.
- Cardoso, T. (2012). Confiança Interpessoal em crianças e socialização: estudo da sua relação e contributo para a adequação da escala CCCTB para a população portuguesa. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Carter, B., McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Conde, A., Figueiredo, B. (2007). Preocupações de mães e pais, na gravidez, parto e pós-parto. *Análise Psicológica*, vol. 3 (XXV), p. 381-398.
- Costa, M. E. (2001/2002). Generatividade: Questões de Desenvolvimento e de Intervenção Psicológica. *Cadernos de Consulta Psicológica* 17/18. p. 29-35.
- Erikson, E. H. (1982). *The Life Cycle Completed*. W. W. Norton & Company. Nova Iorque. ISBN: 0-393-30229-6.
- Féres-Carneiro, T., Magalhães, A. S. (2005). Conjugalidade dos pais e projectos dos filhos frente ao laço conjugal. In Féres-Carneiro, T. (Ed.), *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade*. (p. 111-121). Rio de Janeiro: Ed. PUC_Rio.
- Gerson, M. (1986). The Prospect of Parenthood for Women and Men. *Psychology of Women Quarterly*, vol. 10, p. 49-62.
- Gutton, P. (2006). Parentalité. *Revue Adolescence*, vol. 24 (1), p. 9-32.

- Hoghugh, M. (2004). Parenting – An Introduction. In Hoghugh, M. & Long, N. (Eds.). *Handbook of Parenting. Theory and Research for practice*. (p. 1-18). Londres: SAGE Publications.
- Krob, A. R. (1999). A transição para a paternidade e a interacção pai bebé. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Kruel, C. S., Lopes, R. C. S. (2012). Transição para a Parentalidade no Contexto de Cardiopatia Congénita do Bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 28 (1), p. 35-43.
- Maldonado, M. T. P. (1976). Psicologia da gravidez, parto e puerpério. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*. ISSN: 0004-2757.
- McAdams, D. P., St. Aubin, E. (1992). A theory of generativity and its assessment through self-report, behavioural acts and narrative themes in autobiography. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 62 (6), p. 1003-1015.
- Menezes, C.C., Lopes, R.C.S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF*, vol. 12 (1), p. 83-93.
- Miller, P.H. (1989). *Theories of Developmental Psychology* (2nd ed.). W. H. Freeman and Company. Nova Iorque. ISBN: 0-7167-2002-7.
- Moura-Ramos, M., Canavarro, M. C. (2007). Adaptação parental ao nascimento de um filho: comparação da reactividade emocional e psicossintomatologia entre pais e mães nos primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. *Análise Psicológica*, 3 (XXV): 399-413.
- Oliveira, M. C. G. (2012). A Generatividade e a percepção de aceitação-rejeição paterna na transição para a parentalidade. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Oliveira, T. R. P. G. (2012). A construção do projeto parental – Análise com recurso à Entrevista Clínica Geracional. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga.

- Pires, A. M. S. (2010). Aceitação-Rejeição Parental percebida e ajustamento psicológico e académico da criança. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Rabello, E.T. & Passos, J.S. (s.d.). *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*. Disponível em <http://www.josesilveiro.com> no dia 27 de Junho de 2015.
- Rebello, P. G.V. & Borges, G. F. (2009). Contributos para o estudo do desenvolvimento do adulto: Reflexões em torno da Generatividade. *Práxis Educacional*, 5(7), 97-114.
- Rohner, R. P., G., Khaleque, A. & Cournoyer, D. E. (2012). *Introduction to Parental Acceptance-Rejection theory, methods, evidence, and implications*. Retirado de <http://csiar.uconn.edu/introduction-to-partheory/>
- Rohner, R. P. (2014). PARTheory gets a new name: Interpersonal Acceptance-Rejection Theory (IPARTheory). *International Society for Interpersonal Acceptance and Rejection*, vol. 8 (3), p. 6.
- Rohner, R. P., Carrasco, M. Á. (2014). Teoría de la Aceptación Rechazo Interpersonal (IPARTheory): Bases Conceptuales, Método y Evidencia Empírica [Interpersonal Acceptance Rejection Theory (IPARTheory): Theoretical Bases, Method and Empirical Evidence]. *Acción Psicológica*, 11 (2), 9-26. <http://dx.doi.org/10.5944/ap.11.2.14172>
- Rotenberg, K. J. (1994). Loneliness and Interpersonal Trust. *Journal of Social and Clinical Psychology*, vol. 13 (2), 152-173.
- Rotenberg, K. J. (2010). Introduction. In Rotenberg, K. J. (Ed.), *Interpersonal Trust During Childhood and Adolescence* (3-7). Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Rotenberg, K.J. (2010). The conceptualization of interpersonal trust: A basis, domain, and target framework. In Rotenberg, K.J. (Ed.), *Interpersonal Trust During Childhood and Adolescence* (8-27). Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Rothrauff, T., Cooney, T. M. (2008). The role of generativity in psychological well-being: Does it differ for childless adults and parents? *Adult Development*, vol. 15, p. 148-159.

- Santos, A. R. S. (2014). Aceitação-Rejeição Parental e Confiança Interpessoal nas relações íntimas. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Santos, C. A. (2012). Relação entre a rejeição materna percebida e a Generatividade de mulheres grávidas e parceiros. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Santos, C. P. G., Terres, M. S. (2010). Exame da confiança interpessoal baseada no afecto. REGE, vol. 18 (pp. 427-449). São Paulo, Brasil. DOI: 10.5700/rege 434
- Scabini, E., Iafrate, R. (2003). *Psicologia dei legami familiari*. Milão: Società editrice.
- Taylor, A. S. (2006). Generativity and Adult Development: Implications for Mobilizing Volunteers in Support of Youth. In Clary, E.G., Rhodes, J.E. (Ed). *Mobilizing Adults for Positive Youth Development: Strategies for Closing the Gap Between Beliefs and Behaviors*. (p. 83-100). Nova Iorque: Springer Science + Business Media, Inc.
- Terres, M. S., Santos, C. P., Gonçalves, M. A. (2010). Exame de Confiança Interpessoal Baseado no Afecto. *IV Encontro de Marketing da ANPAD*. Florianópolis.
- Urien, B., Kilbourne, W. (2011). Generativity and self-enhancement values in eco-friendly behavioral intentions and environmentally responsible consumption behavior. *Psychology & Marketing*, 28(1), 69-90.
- Zacarés, J.J., Pérez-Brotons, P., Pérez-Blasco, J., Serra, E. (2004). *Fathering as a generator of adult development: the impact of first fatherhood on the psychological maturity, generativity and psychological involvement in life roles*. Poster apresentado no 18th Biennial ISSBD Meeting. Gante (Bélgica), 11-15 de Julho.
- Ziviani, C. (2005). Sintaxe subjacente a atitudes e percepções entre cônjuges. In Féres-Carneiro, T. (Ed.), *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade*. (p. 58-91). Rio de Janeiro: Ed. PUC_Rio.

Zornig, S. M. A-J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, vol. 42 (2), p. 453-470.